



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

KAYO HENRIKY LIMA DA SILVA

***A VIDA INVISÍVEL DE EURÍDICE GUSMÃO, DE MARTHA BATALHA: UMA  
PROPOSTA DE LETRAMENTO LITERÁRIO MEDIADA PELO CÍRCULO DE  
LEITURA***

João Pessoa

2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

KAYO HENRIKY LIMA DA SILVA

***A VIDA INVISÍVEL DE EURÍDICE GUSMÃO, DE MARTHA BATALHA: UMA  
PROPOSTA DE LETRAMENTO LITERÁRIO MEDIADA PELO CÍRCULO DE  
LEITURA***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras como requisito para obtenção do título de Mestre, na área de concentração Literatura, Teoria e Crítica – Linha de Pesquisa: Leituras Literárias.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Luciane Alves Santos

João Pessoa

2025

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

S586v Silva, Kayo Henriky Lima da.

A vida invisível de Eurídice Gusmão, de Martha Batalha : uma proposta de letramento literário mediada pelo círculo de leitura / Kayo Henriky Lima da Silva. - João Pessoa, 2025.  
77 f. : il.

Orientação: Luciane Alves Santos.  
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Leitura literária. 2. Letramento. 3. Formação de leitores. 4. Estética da recepção. I. Santos, Luciane Alves. II. Título.

UFPB/BC

CDU 028.4(043)



**ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DO(A) ALUNO(A)**  
**KAYO HENRIKY LIMA DA SILVA**

Aos trinta e um dias do mês de janeiro do ano de dois mil e vinte e cinco, às quatorze horas, realizou-se, por videoconferência, a sessão pública de defesa de Dissertação intitulada: “A VIDA INVISÍVEL DE EURÍDICE GUSMÃO: UMA PROPOSTA DE LETRAMENTO LITERÁRIO MEDIADA PELO CÍRCULO DE LEITURA”, apresentada pelo(a) aluno(a) Kayo Henriky Lima da Silva, que concluiu os créditos exigidos para obtenção do título de MESTRE EM LETRAS, área de Concentração em Literatura, Teoria e Crítica, segundo encaminhamento do Prof. Dr. Marco Valério Classe Colonnelli, Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB e segundo os registros constantes nos arquivos da Secretaria da Coordenação da Pós-Graduação. O(A) professor(a) Doutor(a) Luciane Alves Santos (PPGL/UFPB), na qualidade de orientadora, presidiu a Banca Examinadora da qual fizeram parte o(a)s Professores Doutore(a)s Moama Lorena de Lacerda Marques (PPGL/UFPB) e Michelle Bianca Santos Dantas (UFPB). Dando início aos trabalhos, o(a) Senhor(a) Presidente convidou os membros da Banca Examinadora para comporem a mesa. Em seguida, foi concedida a palavra ao(à) mestrando(a) para apresentar uma síntese de sua dissertação, após o que foi arguida pelos membros da Banca Examinadora. Encerrando os trabalhos de arguição, os examinadores deram o parecer final, ao qual foi atribuído o seguinte conceito: APROVADO. Proclamados os resultados pelo(a) Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, eu, Luciane Alves Santos (Secretária *ad hoc*), lavrei a presente ata, que assino juntamente com os membros da Banca Examinadora.

João Pessoa, 31 de janeiro de 2025.

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** MARCO VALERIO CLASSE COLONNELLI  
Data: 24/02/2025 09:54:06-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Luciane Alves Santos<sup>1</sup>  
Marco Valerio Classe Colonnelli  
(Presidente da Banca)

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** MOAMA LORENA DE LACERDA MARQUES  
Data: 21/02/2025 09:24:21-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Moama Lorena de Lacerda  
Marques  
(Examinadora)

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** MICHELLE BIANCA SANTOS DANTAS  
Data: 21/02/2025 08:50:51-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Michelle Bianca Santos Dantas  
(Examinadora)

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** KAYO HENRIKY LIMA DA SILVA  
Data: 15/02/2025 22:48:46-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Kayo Henriky Lima da Silva,  
(Mestrando)

<sup>1</sup> Docente afasta para pós-doutorado.

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo desenvolver um projeto de letramento literário em uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental II, a partir do romance *A vida invisível de Eurídice Gusmão* (2016), de Martha Batalha. Nesse contexto, analisaremos, na perspectiva da estética da recepção, como os discentes percebem a invisibilidade da personagem feminina no livro supracitado. A escolha dessa obra pode ser justificada, entre outros fatores, por colaborar para despertar a sensibilidade dos jovens leitores em relação à temática abordada. Para fundamentar este estudo, consideramos as Teorias da Estética da Recepção e do Efeito Estético, as quais introduzem o caminho que foi aberto por Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser acerca das transformações que o campo dos estudos literários passou ao longo do tempo. Além disso, a estratégia de leitura utilizada baseia-se no Círculo de Leitura proposto por Rildo Cosson (2006, 2014). Sobre a perspectiva do processo e ensino de Literatura na Educação Básica, discutimos conceitos propostos por Bordini e Aguiar (1993), Antonio Candido (2006), Regina Zilberman (1990, 2009) e Teresa Colomer (2007). Portanto, para desenvolver o projeto de leitura, a metodologia utilizada baseia-se na pesquisa qualitativa, pois a análise de dados será estabelecida em viés interpretativo, mediado pela leitura dos estudantes. Também caracteriza-se como pesquisa bibliográfica, uma vez que utilizaremos modelos teóricos que investigam o processo de leitura literária e de formação de leitores, o que nos permite compreender que a leitura de textos literários possui um caráter emancipatório no horizonte de expectativas dos discentes. Para concluir os métodos nos quais se fundamentam este trabalho, será realizada uma pesquisa-ação, a partir do acompanhamento do professor-pesquisador na mediação das atividades de leitura. Assim, para obter os resultados que foram posteriormente analisados, será necessária a utilização de uma ficha-guia e a realização do círculo de leitura.

Palavras-chave: Leitura literária. Letramento. Formação de leitores. Estética da recepção.

## ABSTRACT

This research aims to develop a literary literacy project in a 9th grade class of Elementary School II, based on the novel *A vida invisível de Eurídice Gusmão* (2016), by Martha Batalha. In this context, we will analyze, from the perspective of reception aesthetics, how students perceive the invisibility of the female character in the aforementioned book. The choice of this work can be justified, among other factors, by helping to awaken the sensitivity of young readers in relation to the theme addressed. To support this study, we consider the Theories of Reception Aesthetics and Aesthetic Effect, which introduce the path that was opened by Hans Robert Jauss and Wolfgang Iser regarding the transformations that the field of literary studies has undergone over time. In addition, the reading strategy used is based on the Reading Circle proposed by Rildo Cosson (2006, 2014). Regarding the perspective of the process and teaching of Literature in Basic Education, we discuss concepts proposed by Bordini and Aguiar (1993), Antônio Candido (2006), Regina Zilberman (1990, 2009) and Teresa Colomer (2007). Therefore, to develop the reading project, the methodology used is based on qualitative research, since the data analysis will be established in an interpretative bias, mediated by the students' reading. It is also characterized as bibliographical research, since we will use theoretical models that investigate the process of literary reading and reader formation, which allows us to understand that the reading of literary texts has an emancipatory character in the horizon of students' expectations. To conclude the methods on which this work is based, an action research will be carried out, based on the monitoring of the teacher-researcher in the mediation of the reading activities. Thus, to obtain the results that will be later analyzed, it will be necessary to use a guide sheet and to carry out the reading circle.

Keywords: Literary reading. Literary literacy. Reader training. Aesthetics of reception.

## Lista de Tabelas

Tabela 1 – Calendário de leitura.....	33
Tabela 2 – Proposta de atividades referentes à leitura.....	34
Tabela 3 – Pergunta 1 do Questionário.....	55
Tabela 4 – Pergunta 2 do Questionário.....	57
Tabela 5 – Pergunta 3 do Questionário.....	59
Tabela 6 – Pergunta 4 do Questionário.....	60
Tabela 7 – Pergunta 5 do Questionário.....	62

## SUMÁRIO

<b>OBJETIVOS PARA UMA LEITURA LITERÁRIA (OU INTRODUÇÃO)</b> .....	6
<b>CAPÍTULO I – CAMINHOS TEÓRICOS PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO</b> .....	8
1 Panorama histórico da Teoria da Estética da Recepção, de Hans Robert Jauss.....	8
1.1 Panorama histórico da Teoria do Efeito Estético, de Wolfgang Iser.....	13
1.2 Letramento literário: o círculo estruturado como projeto de leitura.....	18
<b>CAPÍTULO II – O PROJETO DE LEITURA LITERÁRIA NA PRÁTICA</b> .....	24
2 A formação do leitor na escola e o processo de leitura literária.....	24
2.1 A autora de <i>A vida invisível de Eurídice Gusmão</i> (2016) .....	27
2.2 A obra selecionada para o projeto de leitura.....	28
2.3 O contexto da invisibilidade feminina.....	30
2.4 Metodologia de aplicação da pesquisa.....	31
a) Descrição da escola e perfil dos alunos.....	31
b) A estrutura do círculo de leitura.....	33
<b>CAPÍTULO III – LEITURA, LETRAMENTO LITERÁRIO E A (IN)VISÍVEL EURÍDICE GUSMÃO</b> .....	38
3 Um caminho para a visibilidade.....	38
3.1 O caminho da visibilidade trilhado por outros.....	48
3.2 Reconhecendo o invisível visível.....	55
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	65
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	68
<b>Apêndice I – Questionário Avaliativo referente à leitura do livro</b> .....	71
<b>Anexos</b> .....	72

## OBJETIVOS PARA UMA LEITURA LITERÁRIA (OU INTRODUÇÃO)

Através da leitura – especialmente a literária –, o leitor adquire a possibilidade de ressignificar o mundo ao seu redor, atribuindo a ele novas perspectivas. Por isso, “perceber-se a si mesmo no momento da própria participação constitui uma qualidade central da experiência estética” (Iser, 1999a, v.2. p. 53). Esse processo de leitura não se limita à identificação, mas também ao diálogo com o outro. Ao entrar em contato com vozes e experiências diversas, o leitor não apenas reflete sobre sua própria realidade, mas também amplia sua compreensão sobre as vivências alheias. Dessa forma, a literatura se torna um espaço de representação e identificação, um meio de expressão artística e cultural que ressoa em diversos grupos sociais. Está presente em eventos escolares, acadêmicos, comunitários, religiosos e familiares, moldando a forma como interagimos e compreendemos a nossa cultura.

Além disso, os textos e a leitura são parte integrante de tudo o que envolve a existência humana. A linguagem, sendo a base da comunicação, é responsável por estruturar nossa ciência, leis e regras, estabelecendo padrões de convivência. É através dela que formamos nossos laços sociais, discutimos ideias e reivindicamos direitos. Ao efetivar a linguagem no cotidiano, seja por meio da literatura ou de outros gêneros, estamos constantemente construindo e desconstruindo narrativas sobre nós mesmos e o mundo que nos cerca. Portanto, o ensino da literatura não é apenas uma questão de apreensão técnica ou acadêmica, mas uma prática de formação crítica e consciente, capaz de instigar o leitor a questionar, imaginar e transformar a sua realidade. Considerando esse contexto e a escassez de fortuna crítica, selecionei o romance *A vida invisível de Eurídice Gusmão* (2016), da escritora brasileira Martha Batalha, para a reflexão sobre a temática da invisibilidade feminina no âmbito de um projeto de letramento literário.

Ainda para justificar a minha escolha por este tema, gostaria de acrescentar que fui criado por duas mulheres, minha mãe e minha avó. Considerando isso, eu pude perceber que a minha mãe teve a sua vida invisibilizada em diversos momentos, principalmente, quando engravidou a primeira vez, na qual foi expulsa de casa e teve todas as oportunidades profissionais e acadêmicas fechadas. No decorrer de minha vida, pude perceber, com tristeza, que essas histórias, como a de minha mãe, são extremamente comuns em nossa sociedade. Isso pode representar o meu interesse em abordar a figura feminina no livro selecionado para este trabalho e, também, colaborar para despertar a sensibilidade dos jovens leitores em relação à temática abordada.

Esta dissertação, portanto, tem como objetivo desenvolver um projeto de letramento literário

em uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental II, a partir do romance *A vida invisível de Eurídice Gusmão* (2016), de Martha Batalha. Além disso, analisaremos, na perspectiva da estética da recepção, como os discentes percebem a invisibilidade da personagem feminina. Para isso, além da leitura integral do livro na sala de aula, realizamos também um círculo de leitura e aplicamos um Questionário para análise. Ressalta-se que investigar tal percepção possibilita entendermos se os discentes identificam como essa invisibilidade é construída, ou seja, quais aspectos socioculturais geram essa invisibilidade, o que nos permite acessar o repertório dos discentes a respeito dessa questão e assim ampliá-lo, discuti-lo e possibilitar, por meio da mediação do professor, a emancipação dos alunos nos níveis social, cultural, artístico e estético.

A dissertação será dividida em três capítulos: o primeiro aborda aspectos teóricos da Teoria da Estética da Recepção, Teoria do Efeito Estético e letramento literário, observando aspectos pertinentes à execução e mediação do processo de leitura literária na sala de aula. O segundo contempla a contextualização da escola, da turma selecionada para esta pesquisa e as propostas de atividades necessárias para a realização deste trabalho, além de apresentar a autora do livro escolhido e o contexto da invisibilidade feminina ao longo da história. O terceiro é destinado ao detalhamento da recepção estética dos alunos e as interseções observadas durante todo o percurso de realização desta pesquisa.

A metodologia utilizada baseia-se na pesquisa qualitativa, pois a análise de dados será estabelecida em viés interpretativo, mediado pela leitura dos estudantes referente ao livro citado. Também caracteriza-se como pesquisa bibliográfica, uma vez que utilizaremos modelos teóricos que investigam o processo de leitura literária e de formação de leitores, o que nos permite compreender que a leitura de textos literários possui um caráter emancipatório no horizonte de expectativas dos discentes. Assim, para obter os resultados que serão posteriormente analisados, será necessária uma aplicação de uma sequência de atividades, entre elas, um círculo de leitura e aplicação de Questionário. Cabe ainda frisar que, em pesquisas realizadas por mim, através da plataforma *Google Acadêmico*, não foram encontrados outros estudos com a temática que desenvolvo neste trabalho. Há, sim, produções utilizando o livro *A vida invisível de Eurídice Gusmão* (2016), porém abordando outros aspectos teóricos e temáticos para fins de análise. Outro ponto relevante a ser abordado aqui é o tema da redação do Enem 2023, que abordou a temática da invisibilidade feminina em nossa sociedade, o que se assemelha à situação vivenciada pela personagem Eurídice, que também dá nome ao livro escolhido para mediar as análises aqui propostas.

## CAPÍTULO I

### CAMINHOS TEÓRICOS PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO

#### 1 Panorama histórico da Teoria da Estética da Recepção, de Hans Robert Jauss

A Teoria da Estética da Recepção, também chamada de Teoria da Recepção, originou-se na Alemanha no final da década de 1960, sendo particularmente associada ao trabalho do crítico literário Hans Robert Jauss (1921-1997). Seu desenvolvimento está intimamente ligado à chamada Escola de Constança, onde Jauss e outros estudiosos, como Wolfgang Iser, elaboraram uma teoria que focava no papel do leitor e na experiência estética individual na compreensão e na interpretação de textos literários. Ao contrário das teorias tradicionais que priorizavam o texto ou o autor, a Estética da Recepção deslocou o foco para o leitor e a forma como este interage com a obra, propondo que o sentido e o valor do texto são construídos na interação entre o leitor e a obra. Dessa forma, em seu livro *Teoria do Efeito Estético e Teoria Histórico Cultural - O leitor como interface* (2009), Santos afirma que “a interação em si é algo que não existe em seu sentido concreto, é apenas inferida a partir do acontecimento gerado entre os pólos da interação, no caso em pauta, o texto e o leitor” (Santos, 2009, p. 76).

A Teoria da Estética da Recepção surgiu em um momento de questionamento e transição no campo da crítica literária. Assim, as décadas de 1960 e 1970 foram marcadas por mudanças radicais nas ciências humanas, nas quais o estruturalismo e o formalismo haviam estabelecido métodos analíticos rígidos, centrados no próprio texto, sua estrutura e forma. No entanto, pensadores como Jauss e Iser passaram a argumentar que esses métodos ignoravam a subjetividade e a participação ativa do leitor no processo de construção de significado, que, segundo eles, era essencial para uma compreensão mais completa da obra.

Dessa forma, a Estética da Recepção também é fortemente influenciada pelo trabalho do filósofo Hans-Georg Gadamer, que desenvolveu a teoria da hermenêutica filosófica em seu livro *Verdade e Método* (1997). Gadamer argumenta que a interpretação não é apenas uma reconstrução do sentido original do autor, mas um diálogo entre o texto e o intérprete, cada qual influenciado pelo contexto histórico e cultural. Esta ideia de fusão de horizontes, proposta por Gadamer, foi essencial para a teoria da Estética da Recepção, pois introduziu a noção de que a interpretação depende de um diálogo entre o passado (representado pelo texto) e o presente (representado pelo leitor). Na Teoria

da Estética da Recepção, o leitor deixa de ser um receptor passivo e se torna um co-criador de significados. Nesse contexto, Hans Robert Jauss, em *Aesthetic Experience and Literary Hermeneutics* (1982), argumenta que a recepção do texto depende do horizonte de expectativas do leitor, que inclui seu contexto histórico, cultural e suas experiências prévias. Segundo Jauss, é impossível que um leitor moderno leia uma obra clássica exatamente como o público da época de sua publicação, pois seu entendimento está moldado pelas mudanças culturais, sociais e literárias. Com isso, Jauss propôs que o significado de uma obra é dinâmico e evolui conforme o texto é lido e reinterpretado ao longo do tempo.

Enquanto o Formalismo Russo e a Crítica *New Criticism*, na literatura anglo-saxônica, haviam promovido uma análise focada nas propriedades intrínsecas do texto, deixando de lado o papel do leitor, Jauss e seus colegas em Constança acreditavam que essas abordagens negligenciavam a dimensão experiencial e interpretativa do leitor. Assim, inspirados pelos avanços da hermenêutica filosófica e pela crítica ao objetivismo dos métodos tradicionais, os teóricos da Escola de Constança propuseram uma virada interpretativa focada na recepção.

Dessa forma, a hermenêutica de Hans-Georg Gadamer (1997) foi fundamental para Jauss e outros teóricos da recepção. Ele argumenta que a interpretação é sempre um processo mediado por preconceitos históricos e culturais que moldam a compreensão do texto. Gadamer (1997) propõe o conceito de fusão de horizontes, em que o horizonte histórico-cultural do intérprete se funde com o horizonte do texto, gerando uma nova compreensão. A interpretação não seria, portanto, uma atividade de restauração do sentido original, mas uma reinterpretação influenciada pelo contexto do leitor. Este entendimento de interpretação como um processo dinâmico e temporal influenciou diretamente a ideia de Jauss de que a recepção de uma obra literária evolui com o tempo, conforme o horizonte de expectativas dos leitores se transforma.

Nesse contexto, a teoria fenomenológica de Edmund Husserl (1859-1938), em seu livro *A ideia da fenomenologia* (2000) e, subsequentemente, as interpretações de Martin Heidegger (1889-1976) também exerceram uma influência crucial sobre a Estética da Recepção. A fenomenologia enfatiza a importância da experiência subjetiva e da percepção individual. Para Husserl, a interpretação não se limita ao que está “dado” no texto, mas depende da interação entre o objeto e a consciência. Heidegger, em seu livro *Ser e tempo* (2015), desenvolveu essa ideia ao afirmar que a interpretação é moldada pela existência e pelo contexto do indivíduo, introduzindo o conceito de ser-no-mundo. A Escola de Constança utilizou a fenomenologia como base para sustentar que o texto

literário não é um objeto de significados fixos, mas algo aberto a múltiplas leituras, pois cada leitor, com sua própria bagagem, atribui um significado particular à obra (Husserl, 1977; Heidegger, 2015).

Assim, Wolfgang Iser (1978), outro proeminente teórico da recepção, desenvolveu o conceito de lacunas (ou *Leerstellen*) no texto, inspirado na fenomenologia e na hermenêutica. Em sua obra *The Act of Reading* (1978), Iser argumenta que essas lacunas exigem que o leitor contribua com seus próprios entendimentos e experiências para preencher os espaços vazios do texto. A partir dessa perspectiva, o significado não é simplesmente descoberto no texto, mas é construído por meio da interação do leitor com as ambiguidades e indeterminações do texto (Iser, 1978). Santos afirma que

Segundo Iser (1999a, v.2) os vazios são constituintes do texto, derivados de pontos de indeterminação textual. O termo vazio deve mostrar a necessidade de uma combinação mais do que de um preenchimento. Os vazios quebram a conectabilidade necessária à construção de textos. Os sentidos possíveis em um texto não ficcional devem ser reduzidos pela observação da conectabilidade. Nos textos ficcionais, por sua vez, a categoria é interrompida pelos vazios, abrindo um grande número de possibilidades. Para combinar os esquemas e preencher tais vazios, o leitor precisará selecioná-los (Santos, 2009, p. 79).

Consequentemente, o trabalho da Escola de Constança ressoou fortemente em diversas áreas das ciências humanas, contribuindo para o desenvolvimento dos estudos culturais e das teorias de recepção nas artes e nas mídias. O teórico Stuart Hall (1932-2014), um dos fundadores dos estudos culturais, argumenta que a comunicação e a mídia não operam com significados estáveis, mas que estes são constantemente interpretados e renegociados pelos leitores. Em seu trabalho *Encoding/Decoding* (1980), Hall apresenta a ideia de que o público pode interpretar uma mensagem de formas variadas, de acordo com diferentes posições de leitura (dominante, negociada ou oposicional). Embora Hall tenha partido de um campo de estudo distinto, sua teoria dialoga com a Teoria da Recepção ao enfatizar a capacidade do público de reinterpretar os textos culturais de acordo com suas próprias perspectivas (Hall, 1980).

Além disso, o trabalho de Roman Ingarden (1893-1970), filósofo polonês e fenomenólogo, também exerceu uma influência profunda sobre os fundamentos teóricos da Estética da Recepção. Em *The Literary Work of Art* (1931), Ingarden argumenta que a obra literária possui uma ontologia particular: ela existe como um objeto intencional e adquire seu significado apenas na interação com o leitor. Para Ingarden (1973), o texto literário é um esquema incompleto, composto de múltiplas camadas que precisam ser atualizadas pela consciência do leitor. Essa ideia de obra como potencialidade aberta à atualização pelos leitores ajudou a formular a teoria de que a recepção é um ato criativo de interpretação, na qual a obra se completa apenas com a contribuição do leitor (Ingarden, 1973).

A partir dessas influências, Hans Robert Jauss consolidou a Teoria da Estética da Recepção em sua obra seminal *Literary History as a Challenge to Literary Theory* (1967), na qual propôs o conceito de horizonte de expectativas. Jauss argumentou que cada leitor se aproxima de uma obra com uma série de expectativas formadas por convenções literárias, experiências de leitura anteriores e o contexto cultural. Com o tempo, conforme os leitores interpretam a obra à luz de novos horizontes, o sentido do texto se transforma. Esse processo histórico e cumulativo de interpretação permite que a obra se adapte e ressoe com diferentes gerações (Jauss, 1982).

Além de seu impacto imediato nos estudos literários, a Teoria da Estética da Recepção foi um ponto de partida para o desenvolvimento de abordagens voltadas para a subjetividade e para a experiência estética nos campos da comunicação, do cinema e das artes visuais. Até hoje, a teoria continua a ser uma referência essencial para o entendimento de como a interpretação e o significado cultural são construídos, adaptando-se às transformações da era digital e à complexidade da sociedade contemporânea.

Wolfgang Iser (1978), membro da Escola de Constança, complementa a teoria de Jauss (1982) ao propor a ideia de lacunas (ou *gaps*) no texto, que permitem diferentes interpretações. Em *The Act of Reading* (1978), Iser argumenta que essas lacunas exigem que o leitor ativamente preencha os espaços, tornando o ato de leitura um processo colaborativo, no qual o leitor contribui com suas próprias interpretações e suposições. Essa interação transforma a obra literária em uma experiência viva e particular a cada leitor, revelando o caráter fundamentalmente interativo da leitura.

Apesar de sua influência, a Teoria da Estética da Recepção também enfrentou críticas, especialmente das abordagens estruturalistas e pós-estruturalistas, que questionaram sua ênfase na subjetividade do leitor. Teóricos como Roland Barthes e Michel Foucault defenderam que o foco na autoria e na subjetividade poderia diminuir a capacidade de compreender as estruturas de poder e os dispositivos ideológicos embutidos nos textos. Além disso, a crítica à ideia de lacunas proposta por Iser apontou que, ao enfatizar a subjetividade do leitor, poderia se abrir espaço para interpretações distantes do contexto e da intenção do autor. Barthes afirma que no texto há “um espaço de dimensões múltiplas, onde se casam e se contestam escritas variadas, nenhuma das quais é original: o texto é um tecido de citações...” (Barthes, 1988, p. 68-69).

Entre os principais conceitos da teoria estão: a) História da Recepção - Jauss argumenta que a história da literatura deve ser entendida não apenas como uma sucessão de obras, mas também como um diálogo entre textos e leitores. A forma como uma obra é recebida e interpretada muda ao longo do tempo, influenciada por contextos culturais, sociais e históricos; b) Horizonte de Expectativa - um

conceito central da teoria é o horizonte de expectativa, que se refere ao conjunto de crenças, valores e normas que os leitores trazem consigo ao encontrar uma obra. Esse horizonte muda conforme a evolução das convenções literárias e das experiências sociais; c) Mudança de Parâmetros Estéticos: Jauss defende que a experiência estética não é estática, ou seja, à medida que novas obras e estilos emergem, os critérios de julgamento dos leitores se transformam. Assim, uma obra que pode ter sido considerada inovadora ou incompreensível em seu tempo, pode ser reinterpretada sob novas luzes em épocas posteriores; d) Participação do Leitor: A interação do leitor com o texto é fundamental. Jauss acredita que o leitor não é um passivo receptor de significados, mas sim, um participante ativo que constrói o sentido da obra. Essa interação é moldada pelo contexto cultural e histórico do leitor.

Dessa forma, Teoria da Estética da Recepção teve um impacto significativo na crítica literária, influenciando estudos de literatura comparada e outras áreas das ciências humanas. A ideia de que o significado de uma obra é fluido e dependente do leitor, abre espaço para novas interpretações e análises, destacando a diversidade de experiências e percepções que cada obra pode evocar. Diante disso, a abordagem de Jauss desafia a visão tradicional da literatura, enfatizando a importância da recepção e do contexto na construção de significados. Isso não apenas enriquece a análise literária, mas também reflete uma visão mais dinâmica e interativa da relação entre texto e leitor, permitindo uma apreciação mais ampla da literatura ao longo da história.

Nessa exposição, podemos constatar que as ideias de Jauss têm implicações profundas na crítica literária e na forma como a literatura é ensinada. Na sala de aula, por exemplo, essa abordagem pode incentivar discussões sobre como diferentes contextos e experiências influenciam a leitura de um texto. Desse modo, os professores podem explorar a recepção de obras literárias em diferentes épocas e culturas, levando os alunos a reconhecerem a multiplicidade de interpretações e a valorizarem a diversidade de perspectivas.

Nesse sentido, a Teoria da Estética da Recepção contribui para a compreensão da literatura ao colocar o leitor e o contexto no centro da experiência estética, assim como é pressuposto na Teoria do Efeito Estético, de Iser. Essa abordagem não apenas amplia o campo da crítica literária, mas também promove uma visão mais inclusiva e dinâmica da literatura, reconhecendo que cada leitura é uma nova interpretação que pode trazer à tona significados inéditos. Desse modo, a reflexão sobre a recepção literária nos convida a considerar a literatura como um espaço vivo de diálogo entre passado e presente, entre autor e leitor, e entre diferentes culturas e experiências.

## 1.1 Panorama histórico da Teoria do Efeito Estético, de Wolfgang Iser

A Teoria do Efeito Estético é um conceito da estética e crítica literária desenvolvido principalmente pelo teórico alemão Wolfgang Iser (1926–2007), um dos principais expoentes da Escola de Constança, na Alemanha. Essa escola, surgida na década de 1960, revolucionou os estudos literários ao propor que o sentido de uma obra de arte, seja literária, visual ou performática, não é determinado unicamente pelo autor ou pelo texto em si, mas pela interação entre o texto e o leitor. “Para Iser, o leitor é um ser ativo cuja participação permite a existência da obra, desta maneira, o sentido literário será sempre virtual” (Santos, 2009, p. 43). Assim, o conceito de efeito estético, de Iser, reside na ideia de que a obra de arte é completada apenas quando experimentada, lida ou contemplada pelo público, de modo que o sentido surge na experiência e nas reações que ela evoca. “Deste modo, o efeito não é exclusivo nem do texto, nem do leitor, antes os efeitos estão em potência no texto e se atualizam através da leitura” (Santos, 2009, p. 64). Santos afirma que

O efeito produzido pelos textos literários libera um acontecimento. A investigação concernente a tal elaboração é o interesse central de uma teoria do efeito estético. O texto tem caráter de acontecimento porque rompe a realidade de referência ao selecionar elementos e ao combiná-los ultrapassa os limites semânticos do léxico. Para descrever o efeito estético é necessário analisar o processo de leitura, uma vez que tal efeito é evidenciado apenas ao se ler o texto. Descrever o processo de leitura é, portanto, observar também os processos provocados pelos textos literários (Santos, 2009, p. 64).

Para compreender as origens e influências da Teoria do Efeito Estético, é fundamental situá-la dentro do contexto intelectual da década de 1960, em que surgiu a Estética da Recepção na Escola de Constança, Alemanha. A abordagem da recepção representou um avanço no estudo literário, afastando-se das perspectivas que focavam exclusivamente no texto (estruturalismo e formalismo) ou no autor (biografismo) e promovendo o foco no papel do leitor e na experiência estética que surge a partir da interação entre obra e público.

A principal influência teórica de Wolfgang Iser foi a fenomenologia, especialmente nas obras de Edmund Husserl e Roman Ingarden. A fenomenologia, como movimento filosófico, explora a experiência consciente do indivíduo em relação ao mundo, dando destaque à percepção e à interpretação. Em seu livro *Ideias para uma Fenomenologia Pura e para uma Filosofia Fenomenológica* (2006), Husserl introduziu o conceito de intencionalidade – a ideia de que a consciência está sempre direcionada a um objeto ou fenômeno. Isso inspirou Iser a ver a leitura como um ato intencional, no qual o leitor se dirige à obra com pressuposições e interpretações que moldam sua compreensão do texto.

Roman Ingarden (1931), discípulo de Husserl, desenvolveu uma teoria fenomenológica da obra de arte, que influenciou diretamente a Escola de Constança. Em sua obra *Das literarische Kunstwerk* (1931), Ingarden propôs que o texto literário possui camadas de significados que são reveladas pelo leitor em um processo dinâmico. Santos (2009, p. 59) afirma que “quando experimentamos o significado de um texto literário, entramos na dimensão virtual da obra e vivenciamos uma experiência estética”. Ele sugeriu que as obras de arte literárias contêm lugares vazios ou lacunas (também chamados de indeterminações) que exigem a participação do leitor para serem preenchidas. Esse conceito se tornou fundamental para Iser, que reconheceu que a estrutura do texto literário convoca a imaginação do leitor para construir o sentido. Essa interação criativa entre leitor e texto foi central para sua formulação da Teoria do Efeito Estético.

A hermenêutica também desempenhou um papel crucial na Teoria do Efeito Estético. Hans-Georg Gadamer, em sua obra *Verdade e Método* (1997), argumenta que toda interpretação é influenciada pelo contexto histórico e cultural do intérprete, assim como pelo horizonte de expectativas que ele traz ao texto. Gadamer concebeu o processo de interpretação como uma fusão de horizontes, em que o significado de uma obra é gerado pelo encontro entre o passado da obra e o presente do intérprete. A perspectiva de Gadamer sobre a indeterminação do sentido e a necessidade de uma interpretação dinâmica foram conceitos fundamentais que influenciaram Iser a ver a experiência estética como um fenômeno aberto e interativo.

Para Iser (1996), a leitura é um processo hermenêutico, que envolve não apenas uma interpretação objetiva do texto, mas uma negociação de significados entre as estruturas textuais e as expectativas do leitor. Gadamer (1973) defendia que toda compreensão é também uma interpretação e que, ao nos aproximarmos de um texto, o fazemos a partir de um contexto de referências e suposições que moldam nossa leitura. Essa abordagem hermenêutica incentivou Iser a pensar na leitura como um ato estético, no qual o sentido se realiza pela experiência subjetiva do leitor. “O efeito estético acontece na relação dialética entre texto (reformulação de uma realidade já formulada), leitor e sua interação. O adjetivo estético indica as propriedades imaginativas e perceptivas do leitor” (Santos, 2009, p. 64).

Embora Iser tenha se oposto ao formalismo e ao estruturalismo, esses movimentos também influenciaram indiretamente seu pensamento. O estruturalismo, especialmente na obra de Ferdinand de Saussure e Roland Barthes, buscava entender os textos como sistemas autônomos de significados, com ênfase nas relações internas e nas estruturas da linguagem. Barthes, em seu ensaio *A Morte do Autor* (1988), propôs que o sentido de uma obra não é determinado pelo autor, mas pelo leitor e pelo

contexto interpretativo. Essa visão, ainda que divergente da abordagem fenomenológica de Iser, também contribuiu para a valorização da leitura como um ato interpretativo que transcende as intenções originais do autor. Diante disso, ele reflete que

Um texto é feito de escrituras múltiplas, saídas de várias culturas e que entram umas com as outras em diálogo, em paródia, em contestação; mas há um lugar em que essa multiplicidade se reúne, e esse lugar não é o autor, como se disse até o presente, é o leitor (Barthes, 1988, p. 70).

Barthes (1988) apresenta a ideia de que o verdadeiro significado de um texto não está fixado na intenção de seu autor, mas se concretiza no ato de leitura. Para ele, o leitor é uma espécie de espaço impessoal no qual as múltiplas referências e influências que compõem um texto se encontram e se interagem. Dessa forma, o leitor não carrega uma identidade específica, história ou psicologia individual que influencie o conteúdo; ele age como um receptáculo neutro, permitindo que o texto alcance um destino que não depende da personalidade do autor, mas da abertura interpretativa. Assim, o sentido do texto emerge de uma rede de citações e referências, que se conectam na mente do leitor, tornando-o essencial na construção do significado sem ser, contudo, o centro ou a origem desse sentido. Segundo ele,

O leitor é o espaço mesmo onde se inscrevem, sem que nenhum se perca, todas as citações de que é feita uma escritura; a unidade do texto não está em sua origem, mas no seu destino, mas esse destino não pode mais ser pessoal: o leitor é um homem sem história, sem biografia, sem psicologia; ele é apenas esse alguém que mantém reunidos em um único campo todos os traços de que é constituído o escrito (Barthes, 1988, p. 70).

Embora Iser (1996) rejeitasse a ideia de que o texto possui um significado fechado e inerente (como defendiam os estruturalistas), ele considerou importante a ideia de que a leitura deve ser entendida como um processo de estruturação, em que as diferentes partes do texto contribuem para a construção de um sentido final. Ele afirma que

Mais instrutivo seria analisar o que sucede quando lemos um texto. Pois é só na leitura que os textos se tornam efetivos, e isso vale também, como se sabe, para aqueles cuja “significação” já se tornou tão histórica que já não têm mais um efeito imediato, ou para aqueles que só nos “tocam” quando, ao constituirmos o sentido na leitura, experimentamos um mundo que, embora não exista mais, se deixa ver, embora nos seja estranho, podemos compreender (Iser, 1986, p. 48).

Em *The Act of Reading* (1978), ele argumenta que o texto literário apresenta pistas e estímulos que direcionam o leitor, mas que o próprio ato de leitura completa e enriquece o significado da obra,

reafirmando a importância da indeterminação e das lacunas que precisam ser preenchidas pela imaginação do leitor.

Ao mesmo tempo, a estética da recepção, como formulada por Jauss e expandida por Iser, visava questionar a ideia de que o sentido de um texto é estático ou inalterável. Em vez disso, a interpretação do texto era vista como um processo interativo e aberto, no qual o leitor desempenha um papel ativo na construção do significado. Essa concepção influenciou profundamente a Teoria do Efeito Estético, que se posiciona como uma abordagem que valoriza a recepção do leitor e sua participação na criação do efeito estético da obra. “A obra está condicionada às disposições do leitor, atualizadas a partir das condições do texto” (Santos, 2009, p. 65). Assim, “a obra literária se realiza então na convergência do texto com o leitor; a obra tem forçosamente um caráter virtual, pois não pode ser reduzida nem à realidade do texto, nem às disposições caracterizadoras do leitor” (Iser, 1996, v.1, p. 50). Diante disso, Santos reflete que

esse pressuposto inicial é de suma relevância para o desenvolvimento dos demais construtos na teoria do efeito estético, pois na virtualidade da obra se garante o seu aspecto interacional. Por isso, Iser (1996, v.1) adverte para não se perder a primazia da relação texto e leitor, evitando a concentração do estudo em apenas um dos pólos. Uma investigação centrada em apenas um dos pólos teria como consequência o desaparecimento da obra, em virtude de se restringir à técnica de representação do texto ou resvalar numa pretensa psicologia do leitor (Santos, 2009, p. 65).

A Teoria do Efeito Estético envolve diversos conceitos fundamentais, que auxiliam na compreensão da experiência estética. Entre eles, destacam-se: a) Lacunas Textuais - as lacunas, ou espaços em branco, são partes do texto que não fornecem informações completas ao leitor, exigindo sua participação ativa para interpretá-las. Segundo Iser, o efeito estético emerge justamente quando o leitor tenta preencher essas lacunas, tornando-se, assim, um co-criador do significado da obra; b) Indeterminação - Relacionada às lacunas textuais, a indeterminação é a ideia de que o texto literário não oferece uma interpretação única, mas permite múltiplas leituras. Isso ocorre porque o leitor traz ao texto suas próprias experiências, emoções e conhecimentos, que influenciam sua compreensão e interpretação; c) Leitor Implícito - Iser introduz o conceito de leitor implícito, que representa uma espécie de leitor ideal, pressuposto pelo texto. Esse conceito implica que cada obra literária configura um modelo de leitor ao qual ela é dirigida, estabelecendo assim um padrão de leitura e de interpretação. Santos (2009, p. 37) afirma que “o *implied reader* (leitor implícito), definido por Iser (1974), por sua vez, diz respeito à estrutura do texto, cujos vazios solicitam um preenchimento por parte do leitor empírico”; d) Atualização do Texto - Para Iser, o texto literário é um objeto incompleto, que ganha vida apenas quando lido, sendo atualizado pela interpretação. Ele diferencia

o que chama de texto artístico (criado pelo autor) e o texto estético (resultado da interação entre o texto artístico e o leitor). Esses conceitos articulam a Teoria do Efeito Estético como uma teoria da recepção que entende a obra de arte como algo inacabado, cujo sentido só se concretiza com a participação ativa do leitor.

Assim, Iser argumenta que o texto literário não possui um significado fixo; em vez disso, ele se torna significativo através da experiência do leitor ao ler esse texto. Assim, um dos conceitos-chave de Iser é o espaço vazio do texto, que se refere às lacunas e ambiguidades que o autor deixa intencionalmente. Essas lacunas convidam o leitor a preencher os vazios com suas próprias interpretações, criando um diálogo dinâmico entre o texto e a experiência estética vivenciada pelo leitor. Dessa forma, “é preciso que inicialmente o leitor individual em interação com o texto literário, cumprindo o papel disposto pelo *leitor implícito* — o de preencher os vazios, suplementando-o — construa o significado (efeito), vivenciando a experiência estética, dando-lhe uma significação” (Santos, 2009, p. 60).

A Teoria do Efeito Estético enfatiza que a experiência estética é única para cada leitor, sendo moldada por suas vivências, emoções e contexto sociocultural. Além disso, Iser também considera o papel do horizonte de expectativas do leitor (ou o que seria equivalente ao repertório do leitor – o seu conhecimento de mundo), que influencia como ele interpreta uma obra. Assim, a teoria de Iser destaca a importância do leitor no processo de criação de significado, promovendo uma visão interativa da literatura que valoriza tanto o texto quanto a experiência individual, constituindo, portanto, uma relação dialética. Essa abordagem foi fundamental para o desenvolvimento dos estudos de recepção e continua a influenciar discussões sobre a relação entre o texto e o leitor. Diante disso, Santos propõe que

entendendo efeito como o processo e o resultado da interação texto e leitor, a teoria do efeito vem ocupar o lugar de uma teoria de texto. A pergunta sobre o significado de uma determinada obra é, então, substituída pela indagação acerca do que acontece ao leitor quando através da leitura dá sentido aos textos de ficção. Esta questão torna-se célula-mãe não apenas da teoria proposta por Iser, mas dos estudos da estética da recepção de cunho histórico ou normativo (Santos, 2009, p. 64).

Nesse contexto, a Teoria do Efeito Estético se destaca por sua ênfase na experiência do leitor como uma parte essencial do processo de leitura literária. Iser, influenciado por correntes fenomenológicas e existencialistas, propõe que o ato de leitura não é apenas uma decodificação de um texto, mas uma construção ativa de significado, possível de ser realizada pela figura do leitor real inserida nesse processo. Dessa forma, um dos conceitos centrais da teoria é o de espaços vazios.

Iser argumenta que toda obra literária possui elementos que não são totalmente explicitados, criando lacunas que os leitores devem preencher. Esses espaços vazios podem incluir personagens pouco desenvolvidos, cenários vagamente descritos ou eventos ambíguos. O leitor, ao preencher essas lacunas com sua própria imaginação e experiências pessoais, torna-se parte fundamental do processo de leitura literária. Esse processo transforma a leitura em uma experiência única e pessoal, na qual diferentes leitores podem interpretar o mesmo texto literário de maneiras variadas. Outro aspecto fundamental da teoria é o horizonte de expectativas, que se refere ao conjunto de conhecimentos, experiências e valores que um leitor traz para a leitura. Iser acredita que esse horizonte molda a interpretação e a apreciação do texto literário. Por exemplo, um leitor com uma formação literária específica pode perceber nuances em um texto que outros podem não notar. Essa interatividade entre o texto e o horizonte de expectativas do leitor cria uma relação dinâmica, na qual a leitura se torna um ato de descoberta.

Nesse contexto, o efeito estético vivenciado pelo leitor é o resultado dessa interação. Iser propõe que a literatura provoca uma resposta emocional e cognitiva no leitor, levando a uma reflexão sobre temas universais, dilemas morais e experiências humanas, o que implica em uma concepção psicológica sobre o processo de leitura literária. Essa resposta sensorial não é apenas uma apreciação visual é também um convite à reflexão crítica e à autoanálise. Assim sendo, as implicações da Teoria do Efeito Estético são vastas. Ela sugere que o ensino de literatura deve enfatizar o envolvimento ativo do leitor, promovendo discussões e interpretações que considerem a multiplicidade de significados. Além disso, essa abordagem desafia a ideia de que a literatura deve ter um significado ou interpretação único, valorizando a diversidade de leituras e experiências. Em resumo, a Teoria do Efeito Estético amplifica a forma como entendemos a literatura, colocando o leitor no centro da experiência literária. Ao enfatizar a interação entre texto e leitor, Iser nos convida a reconhecer a complexidade e a riqueza da leitura, mostrando que a literatura é um espaço de diálogo e construção de sentido que se renova a cada nova leitura. Diante do exposto, na próxima seção, abordaremos a possibilidade de colocar tais teorias em prática, conforme a pesquisa realizada.

## **1.2 Letramento literário: o círculo estruturado como projeto de leitura**

O ensino de literatura no Brasil tem se transformado ao longo das últimas décadas, especialmente com o advento das metodologias focadas no letramento literário. Essa perspectiva busca não apenas a leitura de textos literários, mas a formação de um leitor crítico e consciente das

potencialidades e dos múltiplos sentidos que a literatura oferece. Mediante a isso, durante o processo de leitura literária, a necessidade de ficcionalizar (ou de preencher vazios), conforme perspectiva da Antropologia Literária, é inerente ao ser humano (Iser, 1996 *apud* Santos 2009), e, portanto, permite inferir sua significativa atuação no processo de leitura literária, porque “os textos literários são aqueles em que a linguagem atinge seu mais alto grau de precisão e sua maior potência de significação” (Perrone-Moisés, 2016, p. 12). Isto é, “são os próprios vazios que impulsionam o indivíduo a preenchê-los” (Santos, 2009, p. 78). Eles “são mais que simples meios de interrupção: formam a estrutura comunicativa, organizando a mudança de perspectiva do ponto de vista do leitor” (Santos, 2009, p. 79).

Dessa forma, tal necessidade se evidencia em nossa forma de consumo, a qual abrange livros, filmes, séries e um vasto conteúdo midiático que nos possibilitam a ficcionalização nas variadas esferas da nossa vida social. Assim, percebemos a importância do texto literário como meio de representatividade para o sujeito leitor. Em sua obra *Andar entre livros* (2007), a professora Teresa Colomer afirma que “[...] o texto literário ostenta a capacidade de reconfigurar a atividade humana e oferece instrumentos para compreendê-la, posto que, ao verbalizá-la, cria um espaço específico no qual se constroem e negociam os valores e o sistema estético de uma cultura” (Colomer, 2007, p. 27). Colomer (2007, p. 62) destaca que o texto literário contribui para a formação do aluno ao afirmar que “a comunicação literária se produz desde o início e o que progride é a capacidade de construir um sentido através de caminhos que se dirigem desde o começo ao diálogo entre indivíduo e a cultura [...]”.

Assim, compreendemos que a literatura é essencial para o processo formativo, possibilitando ao leitor/aluno o acesso aos valores culturais e sociais presentes na obra literária. Assim, ele pode construir valores próprios sobre sua realidade, conforme defende Colomer (2007). Diante disso, as linhas do texto literário se tornam intrínsecas à vida desse sujeito leitor, reverberando em nossa busca existencial pelo ficcionalizar, a ponto de nos permitir uma sensação de leveza e de reconhecimento em meio ao cotidiano. Também de acordo com Farias,

Iser afirma não serem os textos ficcionais isentos de realidade, pois neles há uma interação entre real e fictício. Ou seja, o texto ficcional contém realidades identificáveis como realidade social e de ordem sentimental e emocional. O teórico substitui, então, a relação dual real/fictício por uma relação triádica, real, fictício, imaginário. O imaginário é introduzido como um termo de mediação, ou seja, como elemento desrealizador do real e possibilitador da ficção, que se define pelos atos de fingimento: seleção, combinação e desnudamento da ficcionalidade (Farias, 2009, p. 243).

Dentro desse contexto, o conceito de letramento literário, proposto por autores como Rildo

Cosson, em seu livro *Círculos de leitura e letramento literário* (2014), oferece uma nova metodologia para o ensino de literatura, priorizando uma abordagem que permita ao aluno compreender e vivenciar a literatura em sua profundidade estética e crítica. Cosson destaca a importância de práticas que envolvam a participação ativa dos estudantes na leitura e interpretação de textos, propondo o círculo de leitura como uma estratégia pedagógica central. Essa metodologia consiste em formar pequenos grupos de alunos, em que cada participante lê e discute o mesmo texto literário, incentivando o debate e a construção coletiva de sentido.

O círculo de leitura, segundo Cosson (2014), é eficaz para promover o letramento literário, pois cria um espaço de diálogo em que os alunos podem expressar suas interpretações, ouvir outras perspectivas e, assim, enriquecer sua compreensão do texto. Essa prática também favorece a aproximação entre o texto literário e a realidade dos estudantes, permitindo que eles relacionem os conteúdos discutidos com suas próprias experiências. Ao promover o círculo de leitura, Cosson busca transformar a leitura literária em uma atividade significativa e envolvente, que ultrapassa a simples decodificação de palavras para atingir uma experiência estética e reflexiva.

Dessa forma, trata-se de uma metodologia pedagógica desenvolvida para promover o letramento literário, ou seja, a capacidade de interpretar e vivenciar criticamente o texto literário. A proposta de Cosson integra-se ao movimento de renovação do ensino de literatura no Brasil, que busca transformar a leitura em uma prática ativa, significativa e engajadora. No livro *Letramento literário: teoria e prática* (2006), Cosson discute o papel fundamental do círculo de leitura como uma estratégia que permite ao aluno se envolver na interpretação dos textos de forma colaborativa e dialógica, rompendo com métodos tradicionais e unilaterais de ensino.

A principal finalidade do círculo de leitura é promover a construção de uma comunidade de leitores dentro do ambiente escolar, onde cada aluno possa compartilhar suas interpretações, ouvir diferentes perspectivas e expandir sua compreensão do texto literário. Para Cosson, o círculo de leitura não apenas estimula o engajamento com a obra, mas também desenvolve habilidades fundamentais para o letramento literário, como a capacidade de análise, interpretação e argumentação. O objetivo ao utilizá-lo como estratégia de leitura é formar leitores críticos, que sejam capazes de dialogar com o texto, de atribuir sentido a ele e de relacioná-lo a outros textos e à sua própria realidade.

Além disso, o círculo de leitura oferece um espaço de convivência e respeito pela diversidade de opiniões, promovendo a valorização de diferentes vozes e olhares sobre o texto. Cosson defende que a literatura não é um território de verdades absolutas, e, nesse contexto, o círculo de leitura

permite que o aluno compreenda o caráter plural da interpretação literária, reconhecendo que um texto pode ter múltiplos significados e que a experiência de leitura é pessoal e coletiva ao mesmo tempo.

O círculo de leitura é composto por grupos de alunos, cada um lendo e discutindo o mesmo texto literário. Esse formato favorece a participação ativa de todos os envolvidos, que têm a oportunidade de compartilhar suas interpretações e questionamentos. Segundo Cosson, a organização do círculo de leitura envolve etapas que garantem o desenvolvimento gradual da interpretação, a partir de uma leitura inicial até uma reflexão mais profunda sobre os significados do texto.

Algumas etapas recomendadas incluem: a) **Escolha do texto:** A escolha do texto literário é uma etapa crucial no círculo de leitura. Cosson sugere que a seleção leve em conta o interesse e o nível de leitura dos alunos, optando por obras que sejam desafiadoras, mas acessíveis, e que possam estimular a reflexão e o debate. A escolha pode variar entre clássicos da literatura, contos, poemas, crônicas e até textos contemporâneos, ampliando o repertório literário dos estudantes; b) **Leitura compartilhada:** No início, o professor pode realizar uma leitura em conjunto com a turma, introduzindo o texto e destacando alguns aspectos importantes. A leitura compartilhada pode ajudar a contextualizar a obra e facilitar a compreensão dos estudantes, especialmente quando o texto apresenta uma linguagem mais complexa ou referências culturais desconhecidas; c) **Discussão em grupo:** Após a leitura, cada grupo inicia a discussão sobre o texto, em que todos os alunos são incentivados a compartilhar suas impressões e interpretações. Durante essa fase, é essencial que o professor atue como mediador, orientando as conversas e intervindo apenas para esclarecer dúvidas ou estimular o aprofundamento das ideias. A discussão em grupo permite que os alunos ampliem seu entendimento do texto a partir das percepções de seus colegas, enriquecendo o processo de interpretação; d) **Produção escrita:** Cosson também propõe que os alunos possam registrar suas reflexões por escrito, produzindo resenhas, ensaios, relatos ou até mesmo adaptações criativas do texto lido. A produção escrita ajuda a consolidar a compreensão e a expressão das ideias, além de permitir que o professor avalie o nível de letramento literário alcançado por cada aluno; e) **Compartilhamento com a turma:** Por fim, os grupos podem compartilhar as principais ideias e conclusões alcançadas em suas discussões com toda a turma. Essa etapa permite que os alunos comparem as interpretações de diferentes grupos e reflitam sobre a diversidade de leituras possíveis, promovendo a valorização das diferentes perspectivas e aprofundando a compreensão do texto.

Assim, em seu trabalho *A metodologia do Círculo de Leitura como estratégia de letramento literário* (2020), Silva explica quais são e como funcionam os tipos de círculo de leitura:

Cosson (2014) classifica o círculo de leitura em três tipos: o **círculo estruturado**, o **círculo semiestruturado** e o **círculo não estruturado**. O que diferencia um círculo do outro são seus interesses, características da comunidade que o frequenta, ambiente onde é realizado (físico ou virtual), dentre outras características que torna cada círculo de leitura único (LIMA, 2016). O **círculo estruturado** é caracterizado por sua formalidade, uma vez que segue um formato rígido, todos os integrantes possuem uma função clara no grupo, há um roteiro a seguir e tudo é mediado através de registro, antes e após as discussões. No segundo modelo, o **círculo semiestruturado**, como o seu nome já sugere, ele não possui um formato tão engessado como o primeiro. Não há um roteiro a se seguir, mas há orientações a serem seguidas de modo a guiar o andamento do grupo. Nesse tipo de círculo, um moderador é o responsável por guiar o grupo, podendo este adiantar ou voltar uma leitura, bem como aprofundar ou ampliar a mesma e promover alguns esclarecimentos sobre ela, quando necessário. No terceiro tipo de **círculo**, aberto ou **não estruturado**, o modo de conduzir as reuniões é totalmente democrático. Os seus membros revezam a condução dos encontros entre si, de modo que não há roteiro ou regras fixas a serem seguidas, o andar da leitura e o modo de debate posterior pode ser “ditado” pelo “moderador” da vez. É extremamente informal e se assemelha a uma conversa entre amigos ou familiares (Silva, 2020, p. 26-27, grifos também meus).

Dessa forma, observe abaixo as fichas de função citadas por Cosson em seu livro *Círculos de leitura e letramento literário* (2014), e que foram utilizadas em nossa estratégia de leitura:

- a) Conector - Liga a obra ou o trecho lido com a vida, com o momento;
- b) Questionador - Prepara perguntas sobre a obra para os colegas, normalmente de cunho analítico, tal como por que os personagens agem desse jeito? Qual o sentido deste ou daquele acontecimento?
- c) Iluminador de passagens - Escolhe uma passagem para explicitar ao grupo, seja porque é bonita, porque é difícil de ser entendida ou porque é essencial para a compreensão do texto;
- d) Ilustrador - Traz imagens para ilustrar o texto;
- e) Dicionarista - Escolhe palavras consideradas difíceis ou relevantes para a leitura do texto;
- f) Sintetizador - Sumariza o texto;
- g) Pesquisador - Busca informações contextuais que são relevantes para o texto;
- h) Cenógrafo - Descreve principais cenas;
- i) Perfilarista - Traça um perfil das personagens mais interessantes. (DANIELS, 2002 *apud* COSSON, 2014, p. 142-143).

Dessa forma, utilizando o círculo de leitura como estratégia de leitura literária, os alunos, inevitavelmente, tornarão concretas as ficcionalizações realizadas por eles durante o processo de leitura e durante a elaboração de material para apresentação no círculo. Nesse sentido, para corroborar essa linha de raciocínio sobre a necessidade de ficcionalizar e disso estar atrelado à nossa vida real, Candido (2006, p. 20), em sua obra *Literatura e sociedade*, afirma que “(...) a literatura, como fenômeno de civilização, depende, para se constituir e caracterizar, do entrelaçamento de vários fatores sociais.” Assim, ao compreender a influência que o texto literário exerce em quem o lê, tal interação pode causar diversas reações no leitor, seja de surpresa, alegria, tristeza, medo, angústia, solidão, prazer, tendo em vista que, ao lermos um livro, a nossa experiência estética sempre será

influenciada por nossos valores, princípios, crenças, julgamentos sociais e as nossas memórias. Candido (2006, p. 186) ainda destaca que

a literatura é essencialmente uma reorganização do mundo em termos de arte; a tarefa do escritor de ficção é construir um sistema arbitrário de objetos, atos, ocorrências, sentimentos, representados ficcionalmente conforme um princípio de organização adequado à situação literária dada, que mantém a estrutura da obra (Candido, 2006, p. 186).

Portanto, é perceptível como a figura do leitor real é fundamental para pesquisar o processo de leitura literária, principalmente pensando na sala de aula, que é o espaço no qual esta pesquisa foi desenvolvida. No capítulo seguinte, abordaremos detalhadamente como o projeto de leitura foi aplicado.

## CAPÍTULO II

### O PROJETO DE LEITURA LITERÁRIA NA PRÁTICA

#### 2 A formação do leitor na escola e o processo de leitura literária

Quando pensei na elaboração deste trabalho, considerei o meu percurso como estudante e a minha atual atuação como professor de Literatura. Assim, alguns questionamentos rodearam-me como provocação para aquilo que eu realmente gostaria de fazer: tornar a leitura significativa, e não aquela que se realiza objetivando a aquisição de pontos para compor uma nota escolar, embora essa seja uma opção necessária por uma série de fatores, pois a aprendizagem está ligada a um contexto sócio, emocional, econômico, e de disposição favorável do próprio estudante, aspectos que não são o foco de minha pesquisa e análise, mas que existem e precisam ser mencionados para que compreendamos que o processo de ensino e aprendizagem não é ideal, mas sim, circunstancial, o que envolve toda a comunidade escolar: estudantes, professores, família e coordenação escolar.

Nesse contexto, considerar que os estudantes possuem um repertório e juízos de valor consolidados é essencial para se pensar em propostas de leitura literária, considerando que, nos dias atuais, é cada vez mais comum as crianças terem seus próprios *smartphones* e redes sociais, o que permite um consumo rápido e abrangente de informação na palma da sua mão. Dessa forma, quando concebo a leitura literária, estou imaginando um leitor capaz de fazer inferências e leituras, ou seja, eu entro na aula de Literatura com a expectativa de ser surpreendido pelos estudantes, através das vivências e experiências pessoais de cada um. A aula de Literatura passa a ser um espaço de contemplação e troca de ideias, o que corrobora a nossa necessidade de ficcionalizar, e o que faz o texto literário não ser chato ou massivo, como eu concebia na minha época de estudante, pois, infelizmente, não havia incentivo para isso. Portanto, à vista das circunstâncias, é necessário que haja incentivo de leitura para que o seu processo seja realizado. Tal incentivo deve ser promovido pela comunidade escolar, a fim de que ela cumpra seu papel social de formar leitores funcionais.

De acordo com Cosson (2016), em seu artigo *A prática da leitura literária na escola*, o professor exerce a função de mediador durante o processo de leitura literária. Tal mediação consiste na promoção de tempo e espaço para a realização da leitura literária na sala de aula, colocando o aluno como protagonista nesse processo, pois é ele quem realizará o conceito de leitura aplicada, a qual é definida como aquela que

se destina a promover o conhecimento, ou seja, a leitura se destina ao aprendizado de alguma coisa do qual o texto é veículo. Trata-se do modo dominante da leitura nos anos finais do ensino fundamental e daí por diante, mudando-se o grau de complexidade dos textos e os fins imediatos da leitura. A literatura assume, neste caso, uma posição ancilar no ensino de língua, contribuindo para a consolidação da competência de leitura e escrita por meio de exercícios de compreensão e outras estratégias didáticas aplicadas aos textos literários (Cosson, 2016, p. 165).

É preciso destacar que, assim como proponho neste trabalho uma investigação crítica acerca da percepção dos alunos sobre a invisibilidade vivenciada pela personagem Eurídice Gusmão, Cosson (2016) também enfatiza a necessidade de um planejamento para a realização de um trabalho efetivo e eficaz no que concerne ao uso de textos literários em nossa prática pedagógica. Sobre isso, ele afirma o seguinte:

A leitura literária na escola, portanto, precisa ter objetivos e práticas pedagógicas bem definidos que não devem ser confundidos simplesmente com o ensinar um conteúdo sobre a literatura, nem com uma simples atividade de lazer. Assim como é preciso superar a dicotomia da divisão entre leitura ilustrada e leitura aplicada em favor da presença de ambas na formação do leitor, também é preciso que se supere a oposição entre ensinar e mediar em favor da aprendizagem da leitura literária. Só assim, como também indicam as epígrafes de Leahy-Dios (2000) e Paulino (2001), teremos um professor que ao ser mediador ensina e ao ser professor media, desenvolvendo a competência literária de seus alunos dentro de uma comunidade de leitores que elabora, recria, debate, enfrenta, questiona, adota, refunde e inventa na sala de aula e na escola os modos de ser e estar no mundo (Cosson, 2016, p. 169-170).

Dessa forma, ao associar a afirmação de Cosson (2016) ao processo de recepção de uma obra, corrobora-se aí os modos de ser e estar no mundo, pois é através da leitura que o sujeito reinventa-se, redescobre-se e reformula o seu horizonte de expectativas. Diante disso, “cabará ao leitor atualizar o texto para construir o objeto estético” (Iser, 1999, p. 9), o que é realizado através da consciência e do comportamento social, o qual é constituído pelo próprio leitor (Iser, 1999). Por essa razão, Iser caracteriza o processo de leitura como uma interação dinâmica entre o texto e o leitor, a qual é passível de reformulações mediante a consciência, por meio da qual o texto se traduz, e, conseqüentemente, produz um efeito ou recepção.

A autora Regina Zilberman, em seu livro *Escola e Leitura* (2009), afirma que “designar a leitura em sala de aula é necessariamente uma descoberta de mundo, procedida segundo a imaginação e a experiência individual” (Zilberman, 2009, p. 36), o que ratifica a necessidade e a importância do processo de leitura no planejamento escolar. No livro *Literatura e Pedagogia* (1990), Zilberman coloca que “[...] o texto literário introduz um universo que, por mais distanciado do cotidiano, leva o leitor a refletir sobre sua rotina e a incorporar novas experiências” (Zilberman,

1990, p. 19), evidenciando, dessa forma, o papel fundamental que possui na formação do leitor. No trabalho *Assim me contaram, assim vos contei* (2020), Oliveira reflete que “a leitura de textos literários aciona nos leitores e ouvintes suas habilidades de fantasiar e, concomitantemente, suas habilidades intelectuais para compreender a própria história. É um efeito duplo da leitura literária: entretém e ensina” (Oliveira, 2020, p. 54).

Portanto, compreendemos que o processo de leitura literária na sala de aula requer a participação ativa do professor e do aluno, os quais constituem a relação de ensino e aprendizagem em um ambiente propício para a execução desse trabalho. Assim, “(...) o professor deve guiar-se por princípios que envolvem diversidade, sensibilidade, valorização da experiência e da contemplação, afetividade e fortalecimento da autoestima para possibilitar ao aluno o desenvolvimento de suas potencialidades” (Tébar *apud* Cosson, 2016, p. 166).

Quando pensamos no conceito de formação de leitores, é impossível não associá-lo à concepção de um processo diariamente constituído. Assim como a aquisição da linguagem demanda tempo para ser adquirida e plenamente realizada em uma situação comunicativa real, o processo de formação de leitores também requer essa demanda e um contexto favorável para que seja efetivada. Naturalmente, ao iniciar essa jornada, o leitor receberá influências, as quais serão filtradas e irão compor o gosto pessoal de um, o que revela aspectos de sua personalidade e de sua necessidade de comunicar-se e ser reconhecido também na leitura que realiza, seja por uma necessidade da rotina, seja deleite, o texto torna-se um lugar de representação e visibilidade, o que, analogamente, pode ser comparado a um espelho, no qual, refletir uma imagem positiva, torna-se a busca constante de nossas relações interpessoais, e nisso concebe-se a figura do texto nesse processo de comunicação de si mesmo e com o outro. No livro *Literatura - a formação do leitor - alternativas metodológicas* (1993), Bordini e Aguiar afirmam que “todas as pessoas, desde a infância, são leitoras em formação, uma vez que estão constantemente atribuindo sentidos às mais diversas manifestações da natureza e da cultura” (Bordini, Aguiar, 1993, p. 11).

Bordini e Aguiar (1993) afirmam que a idade do leitor influenciará nos interesses e preferências pelos variados gêneros textuais e literários, por meio dos quais o leitor compreende o seu espaço e papel em sociedade, logo, tais escolhas refletem traços da personalidade que modificam-se ao longo de seu amadurecimento cultural e intelectual. Além disso, elas também elencam cinco níveis de leitura, que variam de acordo com a série cursada pelo estudante, a saber: pré-leitura, leitura compreensiva, leitura interpretativa, iniciação à leitura crítica e leitura crítica. Diante disso, considerando o público-alvo que participará desta pesquisa, ele se enquadra no último

nível proposto pelas teóricas, o qual implica em uma autonomia crítica e sensibilidade sociocultural por parte dos leitores. Dessa forma, de acordo com Iser, “o efeito estético deve ser analisado, portanto, na relação dialética entre texto, leitor e sua interação” (1996, p. 16), e esse efeito é justamente promovido durante o processo de leitura, o qual possui início e fim. Assim,

a relação entre o texto e o leitor se caracteriza pelo fato de estarmos diretamente envolvidos e, ao mesmo tempo, de sermos transcendidos por aquilo em que nos envolvemos. O leitor se move constantemente no texto, presenciando-o somente em fases; dados do texto estão presentes em cada uma delas, mas ao mesmo tempo parecem ser inadequados. Pois os dados textuais são sempre mais do que o leitor é capaz de presenciar neles no momento da leitura. Em consequência, o objeto do texto não é idêntico a nenhum de seus modos de realização no fluxo temporal da leitura, razão pela qual sua totalidade necessita de sínteses para poder se concretizar. Graças a essas sínteses, o texto se traduz para a consciência do leitor, de modo que o dado textual começa a constituir-se como correlato da consciência mediante a sucessão das sínteses. Essas sínteses, porém, não se realizam após determinados momentos da leitura; muito ao contrário, a atividade sintética continua em cada fase em que se move o ponto de vista do leitor (Iser, 1999, p. 12-13).

Considerando a relação citada, partimos do princípio de que o processo de leitura literária promove no leitor um efeito estético, o qual também gera uma experiência única e pessoal em cada leitor. Isso nos permite afirmar que a leitura torna-se complexa porque ela extrapola a decodificação do texto ou a necessidade de compreender o que o autor quis dizer. Na seção seguinte, apresento a autora do romance escolhido para o trabalho de pesquisa e análise com os alunos.

## **2.1 A autora de *A vida invisível de Eurídice Gusmão* (2016)**

Martha Batalha é uma escritora, jornalista e editora brasileira, conhecida por suas obras de ficção que exploram, com humor e sensibilidade, os desafios e as complexidades da vida feminina no Brasil. Nascida em 1973 na cidade de Recife, Pernambuco, Batalha cresceu no Rio de Janeiro, onde sua relação com a literatura foi fortalecida desde cedo. Após concluir sua formação em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), ela dedicou os primeiros anos de sua carreira à redação de reportagens e ao mundo editorial. Ela trabalhou como jornalista em veículos renomados, incluindo o jornal *O Globo*. Posteriormente, fundou sua própria editora, que se especializou em publicações voltadas para o público feminino. Essa experiência não só aprimorou sua escrita, como também a familiarizou com o mercado literário. No entanto, em busca de novas oportunidades, ela decidiu se mudar para os Estados Unidos em 2008, onde obteve um mestrado em Publicação pela Universidade de Nova York (NYU).

A estreia de Martha na ficção aconteceu com o romance *A vida invisível de Eurídice Gusmão* (2016), que a projetou internacionalmente. O livro, ambientado no Rio de Janeiro do século XX, conta a história de duas irmãs, Eurídice e Guida, cujas vidas são moldadas pelas rígidas expectativas sociais impostas às mulheres na época. O romance recebeu aclamação por sua mistura de realismo e ironia, explorando temas como patriarcado, opressão e resiliência feminina. O sucesso da obra foi tão expressivo que ela foi traduzida para mais de 11 idiomas e adaptada para o cinema em 2019 pelo diretor Karim Aïnouz. O filme, intitulado *A Vida Invisível* (2019), venceu o prêmio de Melhor Filme na seção *Un Certain Regard* do Festival de Cannes e foi o representante do Brasil na corrida pelo Oscar de Melhor Filme Internacional.

Após o sucesso de seu primeiro romance, Martha lançou *Nunca houve um castelo* (2017), uma narrativa que segue a trajetória de uma família de classe média carioca ao longo de gerações. Assim como em sua obra de estreia, o livro se destaca pelo equilíbrio entre a leveza do humor e o peso dos temas sociais. Seu estilo literário é marcado por uma abordagem sensível e, ao mesmo tempo, crítica, que dá voz a personagens femininas complexas e humaniza suas lutas cotidianas. Martha frequentemente utiliza o cenário do Rio de Janeiro para tecer histórias que mesclam aspectos históricos, sociais e culturais. Em 2023, lançou seu terceiro romance, intitulado *Chuva de Papel*. A obra apresenta Joel, um jornalista policial aposentado que enfrenta crises pessoais e financeiras. Após uma tentativa frustrada de suicídio, ele passa a morar de favor com Glória, uma mulher idosa que o desafia com seu temperamento afiado. Com humor tragicômico, o livro explora temas como envelhecimento, recomeços e o impacto das mudanças sociais, incluindo a pandemia de Covid-19.

Atualmente, Martha Batalha está em destaque com seu novo livro, *Liz sem Medo* (2024), sua estreia na literatura infantojuvenil. A obra aborda temas como luto, mudanças e coragem de maneira lúdica e acessível para crianças. A protagonista, Liz, enfrenta a perda da mãe e uma mudança drástica de ambiente ao ir morar com a avó. Para lidar com essas transformações, ela se conecta com seu amigo imaginário, a girafa Igor, e planeja construir uma máquina para voltar ao passado, no qual tudo parecia mais confortável.

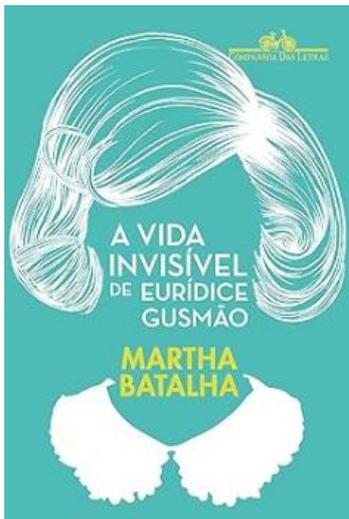
## **2.2 A obra selecionada para o projeto de leitura**

O livro *A vida invisível de Eurídice Gusmão* (2016), publicado pela editora Companhia das Letras, é composto por 14 capítulos e uma nota da autora, divididos em 188 páginas. Ele narra a história de duas irmãs, Eurídice e Guida, separadas pelas circunstâncias da vida, permeadas pela

sociedade dos anos 1940, pela família tradicionalista/patriarcal e pelo desejo de ambas em alcançar um futuro promissor e estável. O texto é também narrado por Eurídice que, depois de se separar de sua irmã, passa a se questionar sobre os motivos que a irmã teve para abandoná-la. Além disso, a narrativa aborda vários episódios ao longo da vida da personagem principal, Eurídice, e de outras personagens femininas que, de algum modo, estiveram presentes na vida dela e de sua família, e que contribuem para a compreensão do leitor sobre o contexto no qual Eurídice está inserida. Diante disso, percebe-se o aspecto da memória social e afetiva, construída por Eurídice ao longo de toda a narrativa, imbricado em seu ardente desejo de reencontrar a irmã, a quem tanto amava e sentia falta.

Assim, como eu queria acompanhar o passo a passo da leitura, utilizei todo o tempo disponível no horário escolar para realizar a leitura do referido livro na sala de aula, conforme o calendário de leitura elaborado abaixo. Neste momento, vale salientar que, durante a elaboração do projeto de pesquisa, inseri a exibição do filme baseado no livro como uma das estratégias para auxiliar os alunos acerca de suas percepções ao vivenciar as experiências literária e cinematográfica.

**Imagem 1 – Capa do romance**



Fonte: Amazon (2024)

**Imagem 2 – Cartaz do filme**



Fonte: Jornal da Grande Bahia (2019)

Contudo, ao exibir o filme<sup>1</sup>, percebi que ele serviu também como uma culminância temática de todo o percurso que realizamos durante a leitura do livro. Portanto, essa atividade foi inserida nas tabelas abaixo apenas para fins de registro do que foi realizado, com o objetivo de complementar as

<sup>1</sup>Cabe destacar que essa atividade também atende à Lei nº 13.006, de 26 de junho de 2014, que acrescenta ao artigo 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, de diretrizes e bases da educação nacional, para obrigar a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica, com, no mínimo, duas horas mensais de exibição, atendendo à proposta pedagógica do docente e da escola.

reflexões e os diálogos promovidos pela leitura do livro, não sendo considerada para fins analíticos no próximo capítulo deste trabalho.

### 2.3 O contexto da invisibilidade feminina

No artigo *Mulher e História* (2018), o professor Leandro Lunz apresenta o percurso histórico e social, sob a perspectiva da História Cultural, de como a mulher é subordinada ao homem em comunidades ocidentais cristãs e na sociedade brasileira do século XV até a atualidade. Considerando que a narrativa de Eurídice Gusmão se passa nos anos 1940, podemos perceber como a cultura da submissão se faz presente na vida dela e de outras mulheres citadas no romance, e que, segundo a minha percepção de leitor, isso a torna invisível em muitos aspectos, pois por decisão do marido, Eurídice é privada de se sentir útil para além de seus deveres como mãe, esposa e dona de casa. Isso também de acordo com a minha experiência enquanto leitor, a torna uma mulher infeliz e sem perspectiva, como se a função primordial de sua vida estivesse limitada aos cuidados domésticos. Mas não que isso seja totalmente ruim. Eurídice queria ir além com seu talento e sua vontade de transcender aquilo que socialmente foi instituído para ela: apenas o dever de cuidar do lar. Diante desse cenário, no qual Eurídice sempre tinha algo novo para tentar fazer em seu tempo livre e considerando as constantes mudanças em nossa sociedade, Lunz afirma que

A mulher não mais se encontra vinculada a uma visão única e inquestionável dentro do *lócus* social, tendo conquistado o direito de exercício de um papel valorativo que foram essenciais no processo em que as mulheres foram alçadas à condição de objeto e sujeito da História, possibilitando a emergência de uma História das Mulheres (Lunz, 2018, p. 14-15).

Acerca disso, podemos refletir que ao tratar dessa temática em um ambiente fundamental na formação do sujeito, que é a escola, inevitavelmente, inserimos em um lugar de visibilidade a invisibilidade feminina, o que contribui para a disseminação do debate sobre os lugares ocupados por homens e mulheres, somado à inerente liberdade de escolha do ser humano. Portanto, como exemplos sociais atuais de relevância dessa discussão, podemos citar o tema da redação do Enem em 2023, que abordava os desafios para o enfrentamento da invisibilidade do trabalho de cuidado realizado pela mulher no Brasil. A proposta é específica ao citar os termos “mulher” e “invisibilidade”, o que nos permite inferir que ainda há muito o que se discutir sobre os papéis que a mulher exerce na sociedade.

Além disso, também no ano de 2023, foi sancionada a Lei 14.611, conhecida como Lei da

Igualdade Salarial, a qual estabelece para homens e mulheres receber salários iguais em empresas com mais de 100 funcionários que ocupem o mesmo cargo. Assim, de acordo com Lunz (2018), as transformações articuladas ao movimento feminista contemporâneo, a partir da década de 1960, foram essenciais para que a mulher pudesse ser considerada como sujeito da História, e sobre a qual ela passou a influenciar. De acordo com Lunz, “as mulheres tornavam-se sujeitos sociais que engendraram a História, que lutavam contra as declarações de poder e produziam percepções e suas próprias experiências” (Lunz, 2018, p. 28). Dessa forma

É importante dar visibilidade ao fazer histórico das mulheres, descrever sobre suas experiências e desafios vivenciados, pois as lutas femininas têm como objetivo transformar a representação da mulher na sociedade. A escrita da história tem um importante papel de resgate destes feitos, além de comprovar que as mulheres foram muito mais do que simples coadjuvantes nos diversos contextos sociais vividos, foram protagonistas da própria história. Os novos posicionamentos referentes às concepções de “diferença e semelhança” e “igualdade e desigualdade” ganharam visibilidade nas pesquisas históricas e deste modo a diversidade humana passou a ser considerada não apenas em sua porção biológica, mas também nas várias outras diferenças que produzem e legitimam os sistemas de poder e as desigualdades sociais entre opostos (Lunz, 2018, p. 28).

Diante da exposição acima, podemos compreender como o contexto social foi e é determinante para definir os lugares que as mulheres ocupariam, além de representar como esse percurso tem sido significativo para desmistificar padrões e preconceitos extremamente enraizados em nossa cultura ocidental. Na seção a seguir, apresento a metodologia de aplicação da pesquisa, por meio da qual foi possível obter o material analisado no capítulo 3, e sobre o qual os alunos expuseram as suas percepções acerca da invisibilidade feminina no romance e além dele.

## **2.4 Metodologia de aplicação da pesquisa**

### **a) Descrição da escola e perfil dos alunos**

Para a aplicação da pesquisa, obtive todas as autorizações necessárias junto ao Comitê de Ética em Pesquisa, escola, Direção do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFPB, bem como Coordenação do PPGL, pais e alunos. Todos os documentos citados estão em anexo neste trabalho. Assim, considerei, como critérios seletivos, a maturidade e o nível intelectual dos estudantes diante da temática abordada no romance de Martha Batalha. Portanto, dentre as turmas nas quais ministrei aulas de Literatura, selecionei a turma de 9º ano do Ensino Fundamental Anos

Finais para participar deste trabalho, pois, em cada turma, utilizamos um livro específico em cada bimestre para realização de sua leitura integral e posterior realização de atividades/avaliações relacionadas à leitura feita ao longo dos bimestres letivos (que correspondem à média de dois meses e meio, totalizando quatro bimestres anuais).

Quando eu estava cursando as disciplinas da pós-graduação, a turma que hoje é o 9º ano, era o 8º ano, com a qual, a partir do momento que assumi as aulas de Literatura, inseri a prática da leitura literária em todas as aulas semanais. Isso implica afirmar que a turma já estava habituada com a prática de ler textos de variados gêneros, pois, no 8º ano, tínhamos apenas uma aula semanal de 50 minutos. Diante disso, em cada aula, eu selecionava um texto literário com gênero e temáticas variadas, como poemas, contos e crônicas. Feito isso, quando a turma se tornou o 9º ano, senti o “terreno” preparado para uma leitura mais extensa, que é a leitura de um livro completo e com temática complexa. É importante frisar que a ampliação da carga horária de Literatura no 9º ano também possibilitou a realização desta pesquisa, pois, agora, eu tenho duas aulas semanais consecutivas, o que permite a execução de um processo de leitura preciso e continuamente acompanhado pelo professor/mediador.

Desse modo, o que antes eram apenas 50 minutos, tornaram-se 100 minutos de leitura coletiva e integral, garantindo, assim, a certeza de que a turma acompanhou e participou da leitura, o que promove a legitimidade da percepção dos estudantes acerca do trabalho proposto.

Atualmente, a turma contém 42 alunos matriculados (entre novatos e veteranos; com faixa etária entre 14 e 15 anos) e frequentando todas as aulas assiduamente, os quais estiveram inseridos no processo de leitura do livro *A vida invisível de Eurídice Gusmão* (2016). Diante disso, considero pertinente lembrar que um dos objetivos específicos desta pesquisa é promover e inserir a prática da leitura literária integral de livros nas aulas de Literatura da Educação Básica, e que essa se constituiu como a minha primeira experiência guiada de leitura de um livro completo, utilizando para isso, um título de uma autora brasileira que aborda, também, uma temática genuinamente brasileira, tornando-a experencialmente significativa no horizonte de expectativas de nossos jovens leitores.

A escola da rede privada de ensino onde atuo como Professor de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental, está localizada no bairro de Mangabeira, zona sul da cidade de João Pessoa. Ela atua em todos os segmentos da Educação Básica (Infantil ao Ensino Médio) e promove eventos e projetos multidisciplinares ao longo de todos os anos letivos. Tal instituição foi inaugurada no ano de 1990 e possui 34 anos de atuação no campo educacional. Meu acesso à escola veio através de uma indicação, por meio da qual realizei uma substituição temporária em algumas aulas de

Gramática. Após esse período, fui efetivado e assumi todas as aulas de Gramática (nos turnos manhã e tarde) e Literatura (apenas nos turnos da manhã) do Ensino Fundamental Anos Finais (6º ao 9º ano). As aulas de Literatura, especificamente na turma do 9º ano participante desta pesquisa, são às quartas-feiras, de 7:00 às 8:40 da manhã.

Assim, acerca do conceito de pesquisa-ação, Engel (2000) a define como aquela que

procura unir a pesquisa à ação ou prática, isto é, desenvolver o conhecimento e a compreensão como parte da prática. É, portanto, uma maneira de se fazer pesquisa em situações em que também se é uma pessoa da prática e se deseja melhorar a compreensão desta (Engel, 2000, p. 182).

Dessa forma, considerando a participação dos estudantes neste estudo, atribuímos essa definição pela prática da leitura literária na sala de aula, realizada pelos sujeitos leitores, estudantes da Educação Básica. Em seu artigo, Engel (2000) enfatiza como esse tipo de pesquisa é benéfica no campo educacional, visto que o ambiente escolar se caracteriza como um espaço suscetível às diversas práticas de ensino e aprendizagem, sendo a leitura literária, uma das possibilidades de formação e integração dos alunos. Engel (2000) destaca que a pesquisa-ação permite que educadores identifiquem desafios específicos dentro de suas salas de aula e, a partir daí, desenvolvam intervenções que são adaptadas às necessidades e contextos dos estudantes. Ele explica que

Por “problema” entende-se aqui a consciência, por parte do pesquisador, de que algo que o intriga, que pode ser melhorado na área de ensino, ou o reconhecimento da necessidade de inovação em algum aspecto do programa de ensino. Esta consciência pode ser resultado de um período anterior de observação e reflexão (Engel, 2000, p. 186).

Assim, ao envolver os alunos no processo, a pesquisa-ação não apenas enriquece a experiência de aprendizado, mas também fortalece a autonomia e o engajamento dos estudantes, tornando-os protagonistas de seu próprio processo educacional. Na seção seguinte, apresento como o círculo de leitura foi estruturado e realizado.

#### **b) A estrutura do círculo de leitura**

**Tabela 1 – Calendário de leitura**

<b>CALENDÁRIO DE LEITURA “A VIDA INVISÍVEL DE EURÍDICE GUSMÃO” (2016)</b>
07/02/2024 – Aula inaugural de leitura literária coletiva
21/02/2024 – Aula de leitura literária coletiva

28/02/2024 – Aula de leitura literária coletiva
06/03/2024 – Aula de leitura literária coletiva
13/03/2024 – Aula de leitura literária coletiva
20/03/2024 – Aula de leitura literária coletiva
27/03/2024 – Aula de leitura literária coletiva
03/04/2024 – Aula de leitura literária coletiva
10/04/2024 – Aula de leitura literária coletiva
17/04/2024 – Aula de leitura literária coletiva
24/04/2024 – Aula de leitura literária coletiva
08/05/2024 – Aula de leitura literária coletiva
15/05/2024 – Finalização da leitura e realização do círculo de leitura estruturado (2014)
22/05/2024 – Culminância da leitura – Exibição do filme <i>A Vida Invisível</i> (2019)
29/05/2024 – Continuação e finalização da exibição do filme <i>A Vida Invisível</i> (2019)
31/05/2024 – Aplicação do Questionário Avaliativo referente à leitura do livro

Fonte: o próprio autor, 2024.

Além do calendário de leitura, também elaboramos as propostas de atividades que foram realizadas e aplicadas ao longo do primeiro bimestre letivo de 2024, conforme as datas acima apresentadas, e que são representadas no quadro abaixo.

**Tabela 2 – Proposta de atividades referentes à leitura**

<b>PROPOSTA DE ATIVIDADES REFERENTES À LEITURA LITERÁRIA DO LIVRO “A VIDA INVISÍVEL DE EURÍDICE GUSMÃO” (2016)</b>
*Obtenção das autorizações (Comitê de Ética em Pesquisa, UFPB, escola, pais e alunos)
*Leitura integral do livro durante as aulas de Literatura
*Realização da estratégia círculo de leitura estruturado (2014)
*Exibição do filme <i>A Vida Invisível</i> (2019) no horário da aula de Literatura
*Aplicação de Questionário Avaliativo referente à leitura do livro

Fonte: o próprio autor, 2024.

A leitura literária foi realizada ao longo das aulas, conforme as datas apresentadas acima. Os alunos, voluntariamente, disponibilizavam-se para realizar a leitura do livro, e após ler

determinado trecho, o professor solicitava que outro leitor voluntário realizasse a leitura, assim como o próprio professor também realizou a leitura de alguns trechos do livro. A quantidade de capítulos lidos por semana era em média dois. É válido destacar que a posição das cadeiras na sala de aula também variava em cada aula: às vezes tradicionalmente enfileiradas, outras em formato de círculo completo, outras em semicírculo. Assim, ficou claro como a organização do ambiente contribui para a realização de uma leitura atenta, pois a disposição das cadeiras em formatos circulares promovia maior atenção dos alunos à leitura. Nesse processo, também havia pausas para discussão de algum tema/cena/situação que chamou atenção, fosse pelo humor, ou pelo teor delicado da narrativa, ou até mesmo para debater sobre o significado de alguma palavra pouco usual, cujo significado não era conhecido por todos. Para auxiliar na leitura, tínhamos um exemplar físico (acervo pessoal do professor), a projeção do arquivo em PDF do livro (também disponibilizado pelo professor) no monitor da sala de aula, e alguns alunos ainda usavam seus próprios *smartphones* para ler o livro na versão em PDF. Alguns alunos faziam questão de ler em pé, de frente para a turma, outros preferiam ler sentados, outros formavam duplas para compartilhar a leitura em PDF. E assim seguimos por quase quatro meses, até concluir o processo.

Diante disso, podemos relacionar esses conceitos ao trabalho realizado em sala de aula, especialmente no que se refere ao professor de Literatura e sua abordagem com textos que visam fomentar o senso crítico, social e coletivo dos alunos. O objetivo é que os estudantes ultrapassem a simples obrigatoriedade e o cumprimento de cronogramas, bem como a busca por notas, envolvendo-se de maneira mais profunda e reflexiva com a literatura. A razão pela qual suscitamos esta discussão justifica-se por minhas práticas e desafios vivenciados em minha recente carreira como professor de Literatura do Ensino Fundamental. Isso não significa que não concordamos com os atuais parâmetros de avaliação, mas sim, que consideramos a leitura essencial no processo formativo do estudante. Nesse contexto, ela deve ser tão presente em nossa rotina quanto o uso do celular em tantas atividades cotidianas, por exemplo. E ao propor essa indagação, ressaltamos que o processo de leitura literária não está limitado ao uso do papel, isto é, os aparelhos eletrônicos podem e devem ser grandes aliados para o professor, para a turma, para a escola e para a democratização do acesso à leitura e à literatura. Dessa forma, percebemos como a figura do leitor de carne e osso é significativa tanto para a execução desta pesquisa, como também para todas as transformações que o processo educativo vem passando ao longo do tempo, na tentativa de tornar cada vez mais influente o processo de leitura, e como ele tem a possibilidade de ressignificar as suas vidas por meio da palavra escrita.

Ao final da leitura integral do livro, foi realizado o círculo de leitura estruturado, estratégia proposta pelo escritor e também professor Rildo Cosson (2014). A proposta de aplicação dessa atividade foi apresentada em nossa primeira aula de leitura literária do ano, no dia 7 de fevereiro de 2024. Assim, considerando os 42 alunos da turma, eles foram organizados em grupos para representar as funções do círculo de leitura estruturado. O círculo de leitura é uma estratégia coletiva de leitura do texto literário, podendo ser utilizada em diversos espaços socio-interativos, não apenas na escola. Mas considerando as especificidades deste trabalho, precisamos pensar nesse ambiente e nas propostas pedagógicas que queremos abordar ao realizar esta atividade com os alunos. Diante disso, Cosson (2014) apresenta o conceito de círculo estruturado pois ele ocorre em lugares específicos, como a escola, por exemplo, e possui objetivos, que neste caso, envolve a prática da leitura literária nas aulas de Literatura da Educação Básica, bem como investigar a percepção de jovens leitores acerca da figura feminina no romance de Martha Batalha (2016). O círculo de leitura possui nove funções, que são: conector, questionador, iluminador de passagens, ilustrador, dicionarista, sintetizador, pesquisador, cenógrafo e perfilador.

De acordo com Cosson (2014, p. 147), não existe uma obrigatoriedade em realizar todas as funções do círculo de leitura, ou seja, o professor mediador da atividade pode e deve adequar o círculo à proposta de leitura escolhida, embora ele mencione que as quatro primeiras funções do círculo são as mais importantes por estarem associadas às práticas de leitura de leitores maduros. Assim, no dia da realização do círculo de leitura, alguns grupos não apresentaram as suas respectivas funções, o que não prejudicou o andamento das atividades programadas, nem tampouco da pesquisa proposta, pois o círculo de leitura possibilita essa dinamicidade em sua prática, sendo, portanto, um instrumento mediador entre todo o processo de leitura literária coletiva realizada no meio escolar.

Na semana seguinte à realização do círculo de leitura, foi exibido o filme *A Vida Invisível* (2019). Durante a exibição do filme, os alunos tentavam associar os personagens lidos e descritos no livro aos personagens de carne e osso interpretados no filme. Neste ponto, cabe salientar que a narrativa cinematográfica difere da narrativa literária em termos de adaptação ao enredo da história na qual ele foi baseado, pois o filme apresenta cenas e situações não descritas no livro, e isso foi reconhecido pelos alunos durante as duas sessões de exibição do filme. Ao final da exibição, os alunos aplaudiram e atribuo esse comportamento ao conjunto de atividades planejadas e realizadas, evidenciando, assim, a significação que o trabalho com a literatura (no aspecto da leitura) pode adquirir. Em minha análise, o filme contribuiu para complementar a experiência estética vivenciada através da leitura do romance, embora o nosso foco seja, de fato, o processo de leitura literária. O

fato relevante acerca da exibição do filme foi como algumas cenas foram surpreendentes para alguns alunos, e isso se deve ao contexto sociocultural de cada um, o que pode enriquecer a experiência ou efeito estético.

Para concluir a descrição das atividades realizadas, finalizamos todo o trabalho de leitura, avaliação e pesquisa com um Questionário Avaliativo composto por cinco questões discursivas sobre o livro lido em sala de aula. Como bem se sabe, todo trabalho ou atividade realizado dentro da sala de aula precisa ser avaliado e a ele ser atribuída uma nota avaliativa ou qualitativa, de acordo com o planejamento. Considerando isso, tornei o Questionário como a primeira avaliação referente também ao primeiro bimestre letivo do ano de 2024, o qual, assim como os demais, é composto por três notas avaliativas/qualitativas, e que constituem os boletins dos alunos. Apesar disso, quase 100% dos 42 alunos que responderam ao Questionário, o fizeram de forma significativamente participativa, com respostas complexas e que indicam a percepção de cada leitor acerca das temáticas abordadas no livro. Isso nos permite afirmar que o êxito obtido nas respostas dos alunos ao Questionário aplicado, não se deu apenas pela atribuição da nota bimestral, mas, sim, que eles realmente estavam comprometidos com a realização das atividades propostas, fazendo isso com seriedade, respeito e zelo por todo esse tempo em que estivemos acompanhando a história de Eurídice Gusmão.

## CAPÍTULO III

### LEITURA, LETRAMENTO LITERÁRIO E A (IN)VISÍVEL *EURÍDICE GUSMÃO*

#### 3 Um caminho para a visibilidade

Apesar de abordar a temática da invisibilidade, esta pesquisa faz exatamente o reverso, ao dar visibilidade ao assunto e aos demais aspectos que o abrangem: a leitura literária, os alunos e a escola. Nesse sentido, considero pertinente, a fim de enriquecer e complementar a discussão, inserir neste capítulo a minha percepção enquanto leitor acerca do livro lido. Assim, antes de iniciar a análise do material produzido pelos alunos no Círculo de Leitura estruturado, dissertarei sobre a minha própria interpretação. Para organizar as minhas anotações durante a leitura, utilizei o aplicativo Notas no meu *smartphone*, no entanto, a partir do capítulo 6, passei a fazer as anotações nas próprias páginas do livro. Acredito que essa mudança se deu pela necessidade que eu tive em ser mais rápido durante esse processo de registro dos *insights* que eu tinha ao longo da leitura.

#### **Anotações pessoais sobre *A vida invisível de Eurídice Gusmão* (2016)**

**Capítulo 1** - a relação de Eurídice em seu casamento; e Zélia (a fofoqueira).

- Objetificação da mulher (página 11);
- Concepção de que a mulher serve apenas para cozinhar (página 12);
- Repressão das habilidades de Eurídice em prol do seu serviço ao lar;
- Personagem Zélia - baixa autoestima; traumas da adolescência; falta de segurança em sua personalidade.

#### **Capítulo 2**

Repressão do sonho de Eurídice em fazer algo além do seu serviço doméstico; o comportamento inadequado do marido para com Eurídice; a minha impressão, como leitor, é a de que ele usa Eurídice, nunca se importando com o que ela pensa sobre as coisas em relação aos filhos, à vida doméstica e sua realização pessoal e profissional como mulher. Isso, **talvez**, seja um indício dessa vida **invisível** de Eurídice Gusmão.

- Repressão do sonho de Eurídice em transformar suas receitas em livro, falar na rádio e ensinar mulheres recém-casadas (machismo cristalizado em que a mulher não pode fazer

nada fora de casa);

- Será que o marido realmente é bom como cita o narrador do romance?
- A empregada doméstica Maria das Dores surge na trama.

### Capítulo 3

- Se a mulher não está sempre arrumada, isso é justificativa para que o marido a traia;
- Eurídice se ocupa com o trabalho de costureira, até o ponto de transformar sua sala de estar em um ateliê para atender às clientes. Seu marido, ao descobrir o trabalho, não gosta nem aceita a ideia, ao ponto que Eurídice ficou tão ocupada com o trabalho, que acabou deixando de dar atenção aos filhos, causando ainda mais raiva em Antenor, como se a responsabilidade sobre os filhos estivesse apenas para a mulher, limitando-a a função de cuidar da casa e dos filhos. Será que isso também a torna **invisível**?

### Capítulo 4

- Menção às professoras de Eurídice da escola, mulheres, que também apresentam um aspecto dessa invisibilidade em sua trajetória. Isso, em minha concepção, corrobora a hipótese de que a mulher tem sempre a sua vida invisível de alguma forma, em algum aspecto social;
- Repressão do desejo de Eurídice em tocar flauta com um músico famoso na época. Os pais tinham receio do que isso poderia acarretar no futuro de Eurídice. Aqui podemos observar, mais uma vez, a vida de Eurídice sendo **invisibilizada** perante as oportunidades que surgiam.

### Capítulo 5

- Após encerrar o projeto da costura por causa do marido, Eurídice se fecha em um silêncio perceptível por todos a sua volta. Mais uma vez, algum aspecto de sua vida foi **invisibilizado**, por interferência de uma figura masculina;
- “(...) acima da média de todos nós” [Eurídice, segundo a narrativa, era essa mulher acima da média. E acredito nisso. Não por todas as coisas que ela quis fazer, mas pela resiliência apresentada ao longo de todo o romance – página 80].

[...] O que Eurídice realmente queria era viajar o mundo tocando sua flauta. Queria fazer faculdade de engenharia e manter-se fiel aos números. Queria transformar a quitanda dos pais num armazém de secos e molhados, o armazém de secos e molhados numa empresa distribuidora de grãos, e a empresa num conglomerado. Mas ela não sabia que queria tanto. [...] Eurídice tinha abafado os desejos, deixando na superfície apenas a menina exemplar. Aquela que não levanta a voz ou o comprimento da saia. Aquela que não tinha sonhos que

não fossem os sonhos dos pais. Aquela que só dizia sim senhora ou não senhora, sem nem mesmo se perguntar para o que é o sim, ou por que disse não. Ela estava nesse estado catatônico quando conheceu Antenor. E teria continuado assim para todo o sempre, se a Parte de Eurídice Que Não Queria Que Eurídice Fosse Eurídice, junto com a promessa de boa moça que fez aos pais, junto com a imensa opressão daqueles anos 40, fossem capazes de fazer com que Eurídice deixasse de ser Eurídice. Mas logo depois do casamento a moça viu que era muito difícil não ser ela mesma, e começou com uns devaneios que assustaram Antenor. Mas como ele podia saber que estava se casando com a menos comum das mulheres? (Batalha, 2016, p. 82-83).

Nesses últimos trechos do capítulo 5, podemos perceber como Eurídice teve as suas vontades invisibilizadas em benefício ou satisfação de outras pessoas, nesse caso, sua família e marido. Conforme a narrativa, Eurídice tinha outros planos para a sua vida, e como veremos mais adiante, mesmo atendendo à perspectiva de seu marido, ela não teve o apoio dele para os seus próprios sonhos. Não distante da nossa realidade, é comum que muitas mulheres sejam tratadas da mesma forma que Eurídice, sem apoio e sem reconhecimento. No entanto, a minha hipótese de pesquisa não se restringe apenas à minha percepção enquanto leitor, ela abrange uma coletividade, que se refere aos alunos do 9º ano.

## Capítulo 7

Um aspecto que considero pertinente nesse livro é que a narrativa não trata apenas da invisibilidade vivenciada por Eurídice, mas também de outras mulheres que estão à sua volta, como é o caso de sua irmã, Guida. Após fugir com Marcos, Guida descobriu quem ele realmente era. Quando Guida volta e reencontra Eurídice, ela deixa explícita uma prática bastante comum entre os homens: a de abandonar mulher e filho à própria sorte. Coincidentemente ou não, essa também é a minha história. “E foi isso o que este homem me fez, Eurídice. Ele me deixou ali, abandonada à própria sorte” (Batalha, 2016, p. 103). Após o abandono de Marcos e descobrir a gravidez, Guida decide pedir para ser aceita na casa dos pais, conforme descrito no trecho a seguir: “– Sou eu, pai. Sua filha Guida. Seu Manuel não levantou a cabeça, e só deixou de cerrar os dentes para pôr fim à situação. – Só tenho uma filha. Ela se chama Eurídice.” (Batalha, 2016, p. 106). A partir desse trecho, podemos destacar a rejeição que Guida sofreu pelos dois homens que possuíam vínculo afetivo com ela: seu pai e seu marido. Quando Guida dá luz ao seu filho, a narrativa descreve o seguinte: “Se antes ela queria perder o filho, agora podia perder tudo, menos o filho. Guida aninhou o bebê entre os seios e sentiu-se em paz. *Que bom que você está aqui, Francisco.* Ela nunca mais estaria sozinha” (Batalha, 2016, p. 108). Nesse trecho, destaco o sentimento que a mulher possui quando se torna mãe, mesmo diante das adversidades. É como se o filho tornasse neutro tudo o que foi ruim ou

negativo na vida da mãe, porém sem um completo esquecimento ou anulação. Para mim, sem dúvida, esse é um dos trechos mais bonitos e comoventes de toda a narrativa.

## Capítulo 8

“Eram muitas as mocinhas defloradas e perdidas, muitas que mudavam de status de um dia para o outro, por causa de um deslize” (Batalha, 2016, p. 109). Nesse trecho inicial do capítulo 8, podemos perceber como a consequência da gravidez recai sobre a mulher, tornando-a a única responsável socialmente pela vida que se forma em seu ventre. Nota-se que, para cuidar desse filho, outros aspectos de sua vida serão invisibilizados, porque como mãe solteira, ela não tem apoio para administrar mais de uma função. Assim, apresento a reflexão: por que tantas mulheres tiveram ou têm que carregar essa responsabilidade sozinhas? Por que houve tanto preconceito e discriminação com as mães solteiras? Será que realmente queriam adquirir esse status ou foram abandonadas à própria sorte?

Os meses foram se passando. Guida já estava serelepe, Chico já se apoiava nas paredes para andar, e cadê de a moça sair da casa da Filomena? Começou a ajudar com as crianças, porque quem cuida de um pode cuidar de dois, ou três, ou quatro. E Filomena aceitou a hóspede permanente, porque quem alimenta um alimenta dois, ou três, ou quatro, ou dez. Guida cancelou o aluguel da quitinete, chamou um burro sem rabo para levar os poucos pertences até a casa de Filomena e pregou na parede em frente ao berço do Chico um quadro com a imagem de Nossa Senhora Aparecida. Formava -se, assim, um **novo núcleo familiar**, composto por Chico, suas duas mães e seus muitos irmãos (Batalha, 2016, p. 112, grifo meu).

Era imensa a saudade, mas era maior a vontade de parecer vitoriosa. Seu quarto decorado ainda ficava no Estácio, **seu filho continuava sem pai**. Suas unhas vermelhas ainda eram usadas para trocar fraldas dos filhos dos outros, e seu sustento vinha da parceria com uma ex-prostituta. Acreditava que um dia isso tudo ia mudar, e que portanto não era hora de abraçar a irmã (Batalha, 2016, p. 115, grifo meu).

Apesar dos pirulitos e mingaus, Chico foi crescendo meio revoltado por ter uma vida que era boa, mas não era a certa. **Por ter duas mães tão doces quanto renegadas**. Por que aquela mulher tinha trocado de calçada e soltado um cuspe junto com um *marafona* ao ver Filomena na rua? Por que naquele dia na feira chamaram sua mamãe Guida de **mulher da vida**, e por que sua mamãe ficou muito brava quando ele perguntou qual era o problema em ser mulher da vida, já que todas as mulheres eram da vida, e não da morte? Por que Filomena só podia chegar na igreja depois que a missa começava e sair pouco antes de terminar? Tudo errado, ele pensava, e quanto mais sabia sobre o mundo mais raiva ele sentia. **Preconceito**, pobreza, a **falta de um pai, a vida dura das mães**, todas essas coisas formavam as duas pontas de um mesmo barbante, que na época ele só sabia que estavam ligadas por intuição (Batalha, 2016, p. 117, grifos meus).

Nesses trechos que destaquei, referentes especificamente à vida de Guida, ficam explícitas discussões que perpassam os dias atuais, como é o caso dos modelos de família, nos quais muitos

não possuem a figura masculina como centro, o que torna essa mulher e mãe ainda mais resiliente diante dos preconceitos e julgamentos. No segundo trecho, enfatizo o filho que continua sem pai. É sabido que muitas pessoas não possuem sequer o nome do pai em seus documentos, o que representa um silenciamento da figura masculina enquanto protetora ou provedora da família. O terceiro trecho culmina com todas as dificuldades que o filho de Guida começa a questionar e a entender que o mundo não é bom como as suas duas mães. Assim, as circunstâncias nas quais estamos inseridos podem ser determinantes em nosso futuro.

## Capítulo 9

Quando Filomena é diagnosticada com câncer, o negócio de cuidar dos filhos dos outros torna-se inviável. Para sustentar a família e cuidar de Filomena, Guida, que não tinha dinheiro para custear os remédios, passar a sujeitar o seu corpo para o dono da farmácia em troca dos remédios. Mesmo após a morte de Filomena, João (dono da farmácia), continua insistindo para possuir Guida novamente. Sobre esse episódio, destaco o seguinte diálogo entre Guida e João: “– Se o senhor insistir novamente vou até a polícia falar com o delegado. – Pois vá. O delegado vai rir na sua cara, é isso o que vai acontecer! E para reforçar o ponto seu João ria ali mesmo, na cara de Guida” (Batalha, 2016, p. 121). Através desse trecho, podemos perceber a forma como a mulher era tratada na sociedade, mesmo diante do que hoje entendemos como crime de assédio. E dessa forma, a integridade física e moral de Guida foi invisibilizada pelo dono da farmácia e, provavelmente, também seria pelo delegado.

Depois, Guida consegue trabalho como caixa de um armarinho, o qual é descrito a seguir: “A loja pertencia a uma turca com seios imensos, que ficavam ainda maiores dentro dos vestidos estampados que usava. D. Amira estava viúva há anos, e para se manter como **dona do seu negócio e do seu destino descobriu que tinha que se portar como um homem**” (Batalha, 2016, p. 122, grifo meu). Nesse trecho, observamos como a concepção da figura masculina é detentora de poder e influência e como a vida de D. Amira também pode ter sido invisibilizada ao ter que se portar como um homem para que nenhum deles determinasse o que ela poderia ou não fazer. Outro trecho que considero pertinente para a análise é o seguinte:

Sabia que o trabalho estava ligado ao bem-estar que daria ao filho, e por isso aceitava. Essa **Guida também sabia o principal**: era melhor ter uma mulher como chefe do que um homem, mesmo que essa mulher fosse capaz de transformar um armarinho no purgatório, porque **era melhor estar no purgatório que nos fundos de uma sala qualquer, embaixo de um patrão** (Batalha, 2016, p. 123, grifo meu).

No trecho acima, é possível perceber as preferências de Guida em relação ao ambiente de trabalho, considerando que na situação dela, sendo mãe solteira, não haveria muitas possibilidades de escolha. Além disso, também fica explícito como o dono da farmácia usou a situação difícil para satisfazer os seus desejos, enquanto Guida, de uma forma ou de outra, foi abusada. Após esse episódio, Guida descobre que seu filho, Francisco, está com febre reumática. Para cuidar do filho sem o apoio do pai, Guida decide abrir um salão de beleza em casa, o qual é descrito no trecho abaixo.

Voltou para casa fazendo contas e planos. Além de trabalhar como caixa não sabia fazer muito mais. Guida só entendia de decoração, de cabelos bem-feitos, maquiagem, unhas pintadas. Então... então era isso! Guida podia abrir um salão em casa. Podia trabalhar aos sábados e aos domingos, e clientes não iam faltar. Todas as mulheres do Estácio cobiçavam seus jeitos e trejeitos, e queriam no fundo parecer-se um pouquinho com ela. Pediu outro adiantamento para d. Amira, que aumentou a boca em arco, mas não recusou. Comprou escovas, bobes, esmaltes, alicate. Botou na sala a penteadeira que ficava no quarto, arrumou as revistas femininas do lado da poltrona e espalhou pelo bairro que sua casa era agora um salão de beleza nos fins de semana (Batalha, 2016, p. 124).

A respeito da rotina exaustiva que Guida tinha, a narrativa revela o seguinte:

Oito dias no meio de quatro semanas de trabalho tão intenso que Guida tinha deixado de ser um pouco Guida para ser a pecinha de uma engrenagem que ela não sabia para que servia, só sabia que funcionava, e desde que lhe retornassem com um canto para morar, um pouco para comer e a saúde de Chico podiam tratá-la como pecinha, que ela não ligava (Batalha, 2016, p. 126).

Nesse trecho, identificamos a dificuldade na qual Guida se encontrava. Na minha concepção de leitor, essa dificuldade foi agravada pela falta do pai de Francisco, com quem ela fugiu na juventude, loucamente apaixonada e acreditando que ele seria o seu futuro. Porém, ao ser abandonada, a dura realidade da vida veio impiedosa e inevitavelmente.

## **Capítulo 12**

Deste capítulo até o último, a narrativa volta a tratar apenas da vida de Eurídice. Abaixo, destaco os trechos que chamaram a minha atenção acerca da perspectiva da invisibilidade vivenciada por Eurídice.

E Eurídice era uma mulher realizada e desprovida de preocupações, graças a ele, Antenor, que nunca deixou a pá dos potes de mantimento tocar o plástico do fundo. Sempre houve fartura, sempre haveria estabilidade, e por isso sua mulher era feliz. Eurídice olhava o marido com olhos de caso perdido. Depois perdia seus olhares na sala, de frente para a estante de

livros. A melancolia da moça, que tinha melhorado com a presença da irmã, piorou quando Guida foi morar com seu Antônio. A casa voltou a ficar em silêncio, o dia voltou a ter mais horas do que devia. Antenor tinha o trabalho, Das Dores tinha a faxina, os filhos tinham a vida toda. E Eurídice, o que tinha? (Batalha, 2016, p. 161).

No início do trecho acima, pareceu-me uma ironia o fato de que o marido não deixava faltar mantimentos em casa, como se isso fosse o suficiente para fazer alguém feliz ou como se o propósito da vida girasse em torno da dispensa cheia. No entanto, o trecho finaliza com a pergunta sobre o que Eurídice tinha. Assim, ao longo da narrativa, é possível identificar todas as tentativas de Eurídice em ser e fazer mais do que as tarefas de casa, o que não foi possível por causa do marido, que a concebia como feliz por não deixar faltar mantimentos.

Quando Cecília e Afonso chegavam Eurídice disfarçava e olhava para outros lugares, e quando Antenor chegava ela disfarçava ainda mais, que não queria dar satisfações ao marido. Talvez tenha sido a constância. Anos e anos sentando-se no mesmo lugar, encarando o vazio na forma de estante. Ou talvez tenha sido porque tinha que ser. O fato é que nessa nova temporada de olhares perdidos Eurídice começou a se sentir diferente. Era uma sensação bastante leve no começo, quase como uma cosquinha. Percebeu que a sensação só aparecia quando ela estava sentada no mesmo lugar, olhando para o mesmo ponto (Batalha, 2016, p. 162).

Acerca desse trecho, apresento o seguinte questionamento: Eurídice teve a sua vida estagnada em razão de quê? Na minha concepção, ela buscava sentido e propósito, mas parece que a única coisa que lhe cabia era o cuidado com a casa, com os filhos e o marido. Ao meu ver, ela sempre quis ir além daquilo que a sociedade esperava dela, e dessa forma, a sua vida foi invisibilizada. E quando uso esse termo, não quero pensar apenas no que é negativo, mas proponho a reflexão de como a vida dela teve um silenciamento quando sua vontade extrapolava os limites de seu lar. No entanto, ao final da narrativa é revelado que Eurídice começou a fazer algo novo e diferente, o que está descrito no trecho a seguir.

Dessa vez Eurídice colocou um de seus vestidos de sair para ir ao Centro comprar uma máquina de escrever. De volta à casa ela abriu espaço na mesa do escritório que até então tinha sido de Antenor. Mandou Das Dores encontrar outro lugar para as apostilas de contabilidade que ele teimava em guardar desde os dezoito anos. Colocou sobre a mesa a máquina de escrever Olivetti e ficou procurando as letras pelo resto da tarde. Tec tec tec era um barulho bom de se ouvir, Das Dores pensou. Enquanto o barulho existisse ninguém na casa estaria olhando para a estante de livros (Batalha, 2016, p. 163).

Assim que Eurídice ouvia a porta de casa abrir com os filhos voltando da escola tirava da máquina a folha escrita, para trancá-la com as outras na gaveta da escrivaninha. Ia então para a sala, perguntar aos filhos como tinha sido o dia. [...] – **Estou escrevendo um livro. É sobre a história da invisibilidade.** O jantar seguiu em silêncio. Ninguém se importou em saber mais sobre o livro, se por acaso ela queria ver a obra publicada, se era uma história de amor

ou de aventura, e quem era ela para começar a escrever assim. **Havia a convicção de que Eurídice só podia ser levada a sério quando dizia que o jantar estava na mesa, ou que era hora de acordar para a escola. Seus projetos estavam confinados ao universo daquela casa.** Ou quiçá do bairro, se o projeto em questão envolvesse fazer sanduíches de queijo para as vizinhas nos dias das festas de aniversário (Batalha, 2016, p. 164-165, grifos meus).

O que incomodava nessa nova fase de Eurídice era o olhar: ela agora parecia entrar por dentro das pessoas, como se fosse roubar seus segredos. Mas desde que a rotina de casa fosse mantida, **desde que** Afonso tivesse os cabelos cortados e o uniforme limpo, **desde que** Cecília mantivesse a saia na altura correta e não risse alto por aí, **desde que** os chinelos de Antenor e as almofadas do sofá estivessem no lugar correto, **Eurídice podia ter o olhar que bem entendesse** (Batalha, 2016, p. 166, grifos meus).

Nos trechos acima, podemos perceber como a vida de Eurídice estava condicionada aos cuidados limitados à casa e à família, ou seja, qualquer outra coisa fora desse espaço, era insignificante e indigno de qualquer demonstração de interesse por parte de sua própria família. No entanto, o que mais chamou a minha atenção foi o fato de Eurídice estar escrevendo um livro sobre a história da invisibilidade. De acordo com a minha interpretação, ela está escrevendo sobre a sua própria história, na qual ela pode também se referir aos personagens usando pseudônimos.

**O muita gente que os escritos de Eurídice incomodavam eram as outras mulheres do bairro.** Para as seguidoras de Zélia os novos hábitos de Eurídice extrapolaram o atrevimento, e se tornaram insulto. Quem era ela para ler autores complicados e para escrever algo além de receitas de bolo? Eurídice estava desrespeitando um dos princípios básicos do Estatuto do Vizinho, que diz que a felicidade de um grupo só é possível se todos nesse grupo se parecerem, nas contas bancárias e nas aspirações. Ao saberem por Zélia sobre **os tectecs da máquina de Eurídice**, a cruzarem na rua com **a vizinha abraçada a uns tantos livros**, ao perceberem que **para uma tijuicana igual a elas o disse me disse do bairro não tinha nenhuma importância**, a corporação de mulheres dos arredores da rua Uruguai se sentiu diretamente atingida. **O comportamento de Eurídice era de uma arrogância só explicável pela perda da razão** (Batalha, 2016, p. 167, grifos meus).

Acerca desse trecho, destaco a falta de sororidade que existe entre as próprias mulheres e como o machismo é aceito pela própria comunidade feminina, porque as outras mulheres da vizinhança de Eurídice não almejavam outra coisa se não o casamento, o marido e os filhos. Assim, o que vemos na vida de Eurídice é uma mulher à frente de seu tempo, que foi julgada, discriminada e repreendida pela família, pois ela aspirava algo que não era concebível para uma mulher no final do século XX. Outro trecho que considero pertinente para a reflexão sobre a concepção da invisibilidade na Eurídice é este:

Aquilo de que se desconfiava com os excessos de eletrodomésticos dos Gusmão Campelo se tornou, naquele momento, oficial: a família tinha se tornado rica. Eles não estavam mais sujeitos às regras da classe média da Tijuca, e uma nova avaliação foi feita sobre Eurídice.

Ela não era, de fato, louca. Eurídice era uma criatura exótica. Exótica pelo turbante, exótica pelos escritos. Exótica porque não havia mais parâmetros que fundamentassem a comparação [...] Ipanema, ela logo descobriria, também tinha seus omitorrincos. Mas era um novo bairro e **era uma nova Eurídice**, e isso, ela sabia, fazia toda a diferença (Batalha, 2016, p. 169-170, grifo meu).

Dessa forma, instigo a reflexão a partir da mudança de classe social da família de Eurídice. Quando isso acontece, ela deixa de ser louca para se tornar exótica, como se o dinheiro determinasse o rótulo que alguém deve receber, se é que deve receber algum rótulo social. Portanto, o conceito de invisibilidade torna-se abrangente, uma vez que não se limita ao sexo da pessoa, mas envolve aspectos como a classe social a qual a pessoa pertence. O trecho finaliza com “era uma nova Eurídice”, e eu questiono: o que a tornou nova? O fato de sua escrita sobre a história da invisibilidade ou ao fato de que ela se tornou rica? Como leitor, prefiro acreditar que isso se refere ao livro que ela estava escrevendo, porque isso representa uma mudança em sua personalidade: a que estava disposta a enfrentar os preconceitos da sociedade para fazer aquilo que desejava.

#### **Capítulo 14**

No último capítulo, é apresentado um breve relato sobre o relacionamento dos pais de Eurídice, no qual também pude identificar semelhanças em relação ao casamento de Eurídice e Antenor. Um dos pontos fortes da narrativa, e que também é retratado no filme, é sobre a questão da perda da virgindade. Segundo a narrativa, tanto Eurídice como a sua mãe não sangraram durante a noite de núpcias, o que fez com que seus maridos duvidassem de sua pureza. No caso de Eurídice, isso é relatado por seu marido sempre que ele está bêbado, e com sua mãe, isso é descrito no trecho a seguir.

As semelhanças eram celebradas por d. Ana. Quando mais alguma aparecia, ela escondia num sorriso o bem-feito que nunca disse. As discussões com o marido eram sempre as mesmas: “Por onde você andou quando solteira pra não ssangrar na lua de mel? Como eu posso saber se Guida é mesmo a minha filha?”. Ana respondia a canhada, dizendo que nunca abraçou homem algum além dos irmãos, e naqueles primeiros tempos chegou a pensar que foram esses abraços que lhe tomaram a virgindade (Batalha, 2016, p. 181).

Sobre o aspecto da virgindade, eu pontuei o peso de ser mulher, ou seja, ela só é considerada pura se sangrar durante a sua primeira relação sexual com o seu marido, porque se isso não acontecer, significa que ela perdeu a virgindade com outro homem fora do casamento.

Foi o passar dos anos que trouxe a vingança a Ana. Guida parecia ter nascido só do pai. Os dois tinham as maçãs do rosto saltadas e o mesmo nariz afilado. Precisavam balançar o pé ao

dormir e roncavam fino quando resfriados. **Foi necessário fazer outra filha para Ana se ver, e sim, ela se via em Eurídice. Principalmente quando a menina olhava melancólica pela janela, como que pensando em tudo o que tinha para viver e que jamais seria vivido. Ana conhecia esse sentimento. Ele foi abafado pela vida em tamancos, que fez do seu mundo o abrir e fechar das portas da quitanda. Era tão inteligente quanto Eurídice, mas nunca pôde ver nada além das dúzias de tomates.** Depois que o português renegou a filha arrependeu-se profundamente, desse jeito português de se arrepender, que implica não deixar ninguém nunca descobrir sobre o arrependimento. Quando d. Ana morreu ele se arrependeu ainda mais, e tornou-se ainda mais português, não deixando ninguém saber de nada (Batalha, 2016, p. 182, grifo meu).

Nesse trecho, percebi uma sina passada em geração, pois fica claro como a história da mãe de Eurídice se repetiu com ela mesma. O olhar que Ana tinha ao se ver em Eurídice, certamente era além do aspecto físico, o que abrange a personalidade de ser e querer fazer algo que não estivesse limitado aos cuidados com a família. Para fechar esse trecho, outro aspecto relevante é o orgulho masculino e o machismo representado na figura de Manuel, pai de Eurídice e Guida. Esse aspecto se torna latente quando ele se fecha em seus próprios sentimentos, ao nunca reconhecer o seu arrependimento por renegar a sua filha quando ela mais precisou.

A família se encontrava aos domingos para almoçar na casa de Eurídice. Seu Manuel sentava-se em um sofá perto da janela. Olhava o Atlântico por horas, talvez em busca das almas perdidas em correntes elétricas, talvez pensando em sua Ana, talvez só olhando a bunda daquela morena, **e como é que pode se vestir com uma roupa assim tão curta, este mundo já foi melhor** (Batalha, 2016, p. 184, grifo meu).

No trecho acima, destaco o julgamento que há sobre a mulher, principalmente no que se refere à roupa. Provavelmente, o período narrado deve ser o momento em que o movimento feminista ganhou força, uma vez que a roupa começou a demonstrar um comportamento contrário ao que o homem e a sociedade esperava, de que a mulher fosse sempre submissa ao homem e que a sua vida estivesse limitada a cozinhar e limpar para esse homem e seus filhos.

Depois do Golpe de 64 Eurídice passou a escrever com mais raiva, o que se pode deduzir pela intensidade dos tectecs na máquina. Mandou alguns textos para o *Jornal do Brasil*, que nunca foram publicados. Alguns anos depois, quando um novo jornal chamado *O Pasquim* foi lançado, ela também tentou contribuir, mas nunca obteve retorno (Batalha, 2016, p. 185).

Para encerrar as análises referentes ao capítulo 14, o questionamento que me sobreveio acerca do trecho acima foi: ela não teve seus escritos aceitos por ser mulher? Por preconceito? Como leitor, acredito que sim, seus textos nunca foram aceitos nos jornais por se tratar de uma mulher quem os escrevia, o que pode contribuir para a concepção de uma vida invisível. Após o último capítulo, há uma nota da autora sobre um possível futuro em relação à Eurídice e sua família.

Mas não Antenor. Este não conseguirá olhar para nada que pertenceu a Eurídice, na consequência de ter os olhos de novo transbordando, e de dizer, “Eurídice era uma grande mulher, Eurídice era uma grande mulher” (Batalha, 2016, p. 187-188).

Dessa forma, questiono: Antenor não faria isso por saudade dela ou por não aceitar que sua mulher poderia ser algo além de uma dona de casa? Será que, sendo homem, nunca terá coragem de reconhecer que sua mulher era muito maior do que ele, o qual apenas não deixava a colher tocar no fundo do pote? O legado do que é ser mulher certamente não coube nas páginas do livro e sem dúvida não caberá nas páginas deste trabalho, mas nos permite ter a clara consciência de que a mulher pode estar aonde ela quiser estar.

### **3.1 O caminho da visibilidade trilhado por outros**

Esta seção será composta pela análise do material produzido pelos alunos no círculo de leitura estruturado e pelas respostas deles ao Questionário Avaliativo. Sobre o círculo estruturado, a turma foi dividida em grupos para representar cada função proposta pelo círculo. Eles realizaram a maioria das funções, no entanto, para fins de análise, utilizarei aquelas que considere pertinente em relação à temática da invisibilidade feminina.

Função conector: “No livro, vimos que Guida, irmã de Eurídice, é abandonada pelo marido, enquanto estava grávida. Ela tem que dar a luz e criar o filho, Chico, sozinha. Essa é, infelizmente, a realidade de muitas mulheres ainda hoje. Mulheres que são deixadas e precisam arcar com uma grande responsabilidade, que é cuidar de uma crinaça. Em alguns casos, essas mulheres podem encontrar apoio de parentes ou amigos, como foi com Guida. Ela conheceu Filomena, e teve a chance de ter ajuda para criar Chico e ainda ter ajuda financeira” (2024, Grupo A).

“1 – conexão da gripe espanhola com a pandemia de Covid; 2 – Eurídice à procura de hobbies relaciona-se com jovens e adultos tentando encontrar uma vocação; 3 – Quando o marido de Eurídice não apoiou nada seus hobbies, na verdade, desprezou, pode ser associado ao machismo exacerbado” (2024, Grupo B).

Nos textos acima, produzidos por dois grupos, os quais tiveram a função de conector no círculo de leitura, os alunos abordaram exatamente aspectos relacionados à mulher, como a gravidez e o desprezo dos homens por suas mulheres, que foi o caso de Marcos e Antenor. Durante a leitura do livro, eu, enquanto mediador, não disse o que eles deveriam ou não abordar, o que garante a autenticidade e legitimidade desta pesquisa, pois os próprios alunos perceberam como essas questões

são palpáveis em nossa vida real. Dessa forma, não seria diferente na ficção, na qual eles puderam refletir e identificar a forma como a mulher ainda hoje é tratada em nossa sociedade.

Função questionador: este grupo elaborou uma sequência de dez perguntas, que foram apresentadas e discutidas durante a realização do círculo de leitura na sala de aula. As questões foram as seguintes: “1) Qual é o principal tema explorado no livro?; 2) Quais são os principais personagens e como suas vidas se entrelaçam na história?; 3) Como o contexto histórico e social do Brasil é abordado na narrativa?; 4) De que forma o título “A vida invisível de Eurídice Gusmão” reflete a história e o protagonismo da personagem?; 5) Quais são os conflitos principais enfrentados por Eurídice ao longo do enredo?; 6) Como a autora constrói o ambiente e a atmosfera da cidade do Rio de Janeiro na narrativa?; 7) Qual é a mensagem central transmitida pelo livro sobre questões de gênero e papel da mulher na sociedade?; 8) Quais são os momentos mais impactantes ou emocionantes da história?; 9) Como a estrutura narrativa do livro contribui para o desenvolvimento da trama?; 10) Que aspectos culturais e históricos do Brasil são destacados ou discutidos na obra?” (2024, Grupo C). Diante dos questionamentos elaborados pelo grupo, podemos perceber que apenas com esse arquivo, poderíamos fazer um estudo profundo sobre a narrativa, revelando, dessa forma, o empenho e a dedicação dos estudantes acerca do trabalho desenvolvido em volta da história de Eurídice e de outras mulheres apresentadas ao longo da leitura. Com essas perguntas, podemos analisar o teor de criticidade e de detalhamento referentes aos aspectos sensíveis da obra, as quais nos permitem inferir que o processo de leitura é também um lugar de profundas reflexões sobre o mundo ao nosso redor, e que essa reflexão e debate são relevantes para tirar do campo da invisibilidade a forma como a mulher é tratada pelo machismo e patriarcado em nosso país.

Durante a realização do círculo de leitura, essas perguntas foram apresentadas à turma, e voluntariamente, os alunos foram respondendo, de acordo com as informações que eles se lembravam naquele momento. Lembro-me de que este foi o ponto alto do círculo, pois com questões desse teor, seria quase impossível não haver um debate sobre a história, porque, segundo a minha concepção, são perguntas que provocam, e como a leitura foi realizada integralmente na sala de aula, a turma tinha conhecimento dos fatos narrados no livro. Outro ponto fundamental acerca dos questionamentos elaborados pelos alunos, é que todas as perguntas são direcionadas para a mulher, o seu papel e como a cultura e os fatos recaem sobre a figura feminina. Eles poderiam ter elaborado uma questão sobre o marido de Eurídice, como ele se sentia diante de tudo que ela queria e tentou fazer, então esse aspecto me permite inferir como a leitura foi significativa para o processo formativo desses estudantes, pois todos que compuseram esse grupo eram meninos. Assim, podemos inferir como a nova geração

concebe o mundo como um lugar que deve e tem oportunidade para todos.

Função iluminador de passagens:

Zélia não se tomou um simulacro de omitorrinco assim, de uma hora para a outra — **essas coisas de evolução demoram para acontecer**. A transformação começou ainda na infância, quando o que era para ser dom se tornou pesar. Do pai ela herdou o gosto pela notícia, da mãe a vida restrita ao lar. Do mundo ganhou desgostos, do destino a falta de escolhas. Formou-se assim a essência da fofqueira.

Quem vê os olhos duros da moça não acredita que um dia foram capazes de olhar sem malícia. Quem vê o sorriso de mofa não imagina que um dia ele foi só sorriso. Mas assim era Zélia quando menina: só sorrisos e bons olhares. Nos poucos anos em que foi feliz ela achava a vida tão incrível que protestava nas pausas, recusando-se a dormir. *Eu posso ouvir os grilos, posso adivinhar os barulhos da casa, posso pensar no que fazer pela manhã, e nas brincadeiras da tarde*, ela dizia para si, de olhos abertos na escuridão. Mas o cansaço sempre encontrava meios de engabelar a menina, porque em algum momento da madrugada ela adormecia. Descobria logo que tinha sido enganada, e era a primeira a acordar pelas manhãs.

Zélia se levantava cantando, comia sorrindo e andava tro-

16

Fonte: Grupo D, 2024.

Foi o choque da cena que lhe restituiu a saúde.

De frente para o espelho uma Zélia vestida apenas da cintura para baixo conferia os pertences da cristaleira, enquanto Eurídice ajoelhada marcava a bainha na saia da vizinha. Outra mulher vestida apenas da cintura para cima tinha as medidas tiradas por uma senhora de óculos. Duas morenas tomavam café e comiam sequilhos no sofá. **Uma *neguinha de cabelo pixaim* e vestido de chita costurava na máquina de Eurídice**. A mesa de centro parecia bancada de loja de tecido na rua Buenos Aires. O tapete persa estava coberto por retalhos, pedaços de linha e fitas métricas. A mesa de jantar continha moldes em papel pardo, tesouras, régua, carretéis e duas caixas de costura.

“Que bagunça é essa na minha sala?”

Zélia deu um grito, uma das mulheres derrubou o café e a outra tentou se cobrir com retalhos. Eurídice olhou o marido, e olhou para baixo.

“É que eu estou fazendo uns vestidos para minhas comadres...”

Aquela era uma explicação sem sentido. Não, Antenor não apoiaria aquele projeto, a transformação da sala em ateliê, a transmutação da casa em mafuá, aquele entrar e sair de mulheres mais intenso que os dos consultórios médicos. E quem era *aquela neguinha* aboletada na máquina Singer?

“Essa é a Damiana, ela veio por indicação da d. Maricotinha...”

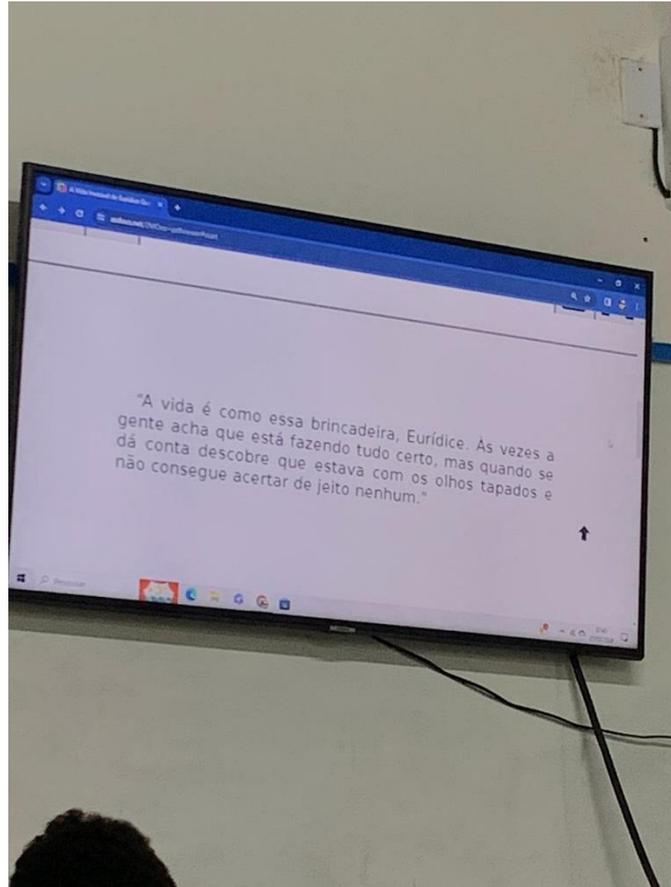
E quem era a d. Maricotinha?

Eurídice achou melhor contar tudo de uma vez. D. Maricotinha era sua ajudante, e Damiana era a ajudante da ajudante, porque agora ela costurava para as mulheres do bairro e não estava dando conta de tanto serviço. E sabe como é, além da costura é preciso receber as clientes, conversar sobre os modelos, tirar as medidas e fazer as provas, e enquanto ela fazia uma coisa suas ajudantes faziam outra, porque assim os projetos andavam mais rápido.

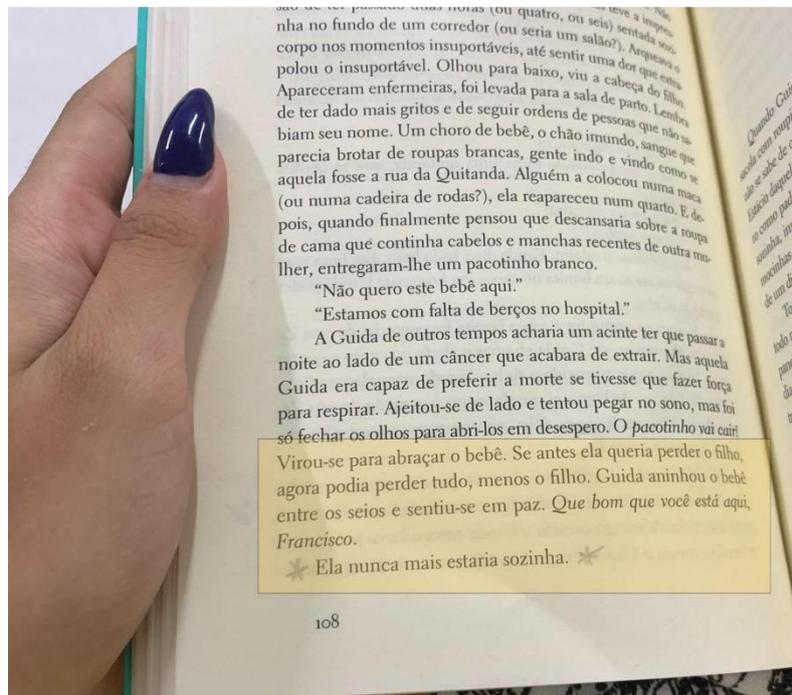
Aquela rudimentar descrição de cadeia produtiva não agradou Antenor, que quanto mais escutava, mais abria as narinas, ficando depois de um tempo muito parecido com o King Kong. Na mesma hora todo mundo na sala disse que precisava ir embora, porque o açougue ia fechar, e ia chover, e estava tarde. Restou a *neguinha* cabisbaixa na máquina de costura, **que só não foi embora porque precisava receber a diária para comprar o jantar**.

Eurídice desconfiava que aquilo podia acontecer. Durante os dias da gripe de Antenor ela desmarcou com as clientes, mas depois do terceiro dia elas

Fonte: Grupo D, 2024.



Fonte: Grupo D, 2024.



Fonte: Grupo D, 2024.

O final daquela noite não foi diferente do final de qualquer outra. Mãe e filha retiraram os pratos da mesa, enquanto Antenor e Afonso foram para a sala ouvir a Rádio Nacional. Eurídice lavou a louça sem levantar a cabeça. Uma ou outra lágrima se misturava com a água da pia.

“Tá bom assim, mamãe?”

Em cima de um banquinho e na ponta dos pés, Cecília ajudava a mãe a secar os pratos.

“Está sim, Cecília. Um dia você vai ser uma boa dona de casa.”

Fonte: Grupo D, 2024.

Nos trechos destacados acima pelos alunos, podemos perceber que todos eles se referem às mulheres e que todos tratam de algum momento de dificuldade enfrentada por elas. A começar por Zélia. No livro, ela é a vizinha fofqueira de Eurídice. No entanto, no trecho destacado, há um retorno à infância de Zélia, por meio do qual podemos entender o porquê de ela ter se tornado uma mulher infeliz e amargurada. Ao longo da leitura, descobrimos que Zélia também teve a sua vida invisibilizada de alguma forma, o que a fez ser quem é: curiosa, fofqueira, arrogante e soberba. No momento em que discutíamos sobre as passagens destacadas, o que pude perceber é que ninguém tornava Zélia uma pessoa ruim porque entendia as circunstâncias dela e que a sua vida também não foi fácil, principalmente entre a infância e a adolescência. Outro ponto destacado foi sobre a neguinha que costurava para Eurídice. Um trecho informa que ela precisa da diária para pagar pelo jantar. Naquela época, certamente essa mulher deve ter sofrido todos os preconceitos possíveis tanto por ser mulher como por ser negra.

Certamente, os alunos se compadeceram desse relato e reconhecem que tudo se torna mais difícil quando se é mulher. Após, temos uma fala de Guida enquanto conversa com Eurídice, na qual ela reflete sobre as adversidades da vida e sobre tudo o que ela passou quando foi expulsa de casa pelo seu pai. Em seguida, há um destaque em uma passagem que eu também utilizei em minha análise pessoal, que é a passagem em que Guida sente o amor pelo seu filho, revelando uma das muitas habilidades que a mulher pode desenvolver ao longo de sua vida. Para encerrar, há destaque para um trecho que narra um diálogo entre Eurídice e sua filha, Cecília. Anteriormente, Eurídice tem uma discussão com Antenor durante o jantar, o que a faz chorar e entender, ainda que sem querer, que não haveria outro destino para ela, muito menos para sua filha. Isso fica claro quando ela diz que Cecília também será uma boa dona de casa, fato que aconteceu com Ana, mãe de Eurídice, e agora acontece com Eurídice e sua filha, reforçando um legado que vai sendo passado de geração em geração.

Função sintetizador: “Capítulo 1 = O romance de Martha Batalha apresenta a protagonista Eurídice Gusmão, logo na primeira linha do capítulo 1, casando-se com Antenor Campelo. Mesmo com frequentes usos de analepse para explicar outros eventos na vida de Eurídice, é a partir da vida

matrimonial que se estrutura o núcleo da narrativa. Nas principais páginas do capítulo, a importância do casamento para o desenvolvimento da personagem já fica estabelecida: a (falta de) motivação para o casamento, a primeira briga na lua de mel, o nascimento dos filhos Cecília e Afonso, e a complicada vida sexual do casal. Todos esses detalhes ilustram o fato de que Eurídice ficava em casa, moendo carne e remoendo os pensamentos estéreis que faziam sua vida infeliz” (2024, Grupo E).

“Capítulo 6 = Mais tarde, quando Guida apresenta o namorado Marcos para os pais, ela é “autorizada” a ir com Marcos ao cinema uma vez por semana. O resto do namoro deveria se passar no sofá (...), tendo de um lado o abajur aceso, e do outro a mãe cerzindo meias”. Apesar da rigidez costumeira da época em que o namoro ocorreu, “entre o abajur e a mãe”, Guida tem a possibilidade de frequentar o espaço da arte, nas idas autorizadas e semanais ao cinema, onde, além do mundo projetado na tela, ela poderia ver o mundo de pessoas reais para além do espaço e das restrições domésticas familiares” (2024, Grupo E). O grupo também produziu o slide abaixo, que contém um comentário acerca da percepção deles ao sintetizar esse capítulo.

Círculo

**Capítulo 6**

- Mais tarde, quando Guida apresenta o namorado Marcos para os pais, ela é “autorizada a ir com Marcos ao cinema uma vez por semana. O resto do namoro deveria se passar no sofá (...), tendo de um lado o abajur aceso, e do outro a mãe cerzindo meias” (p. 67).
- Apesar da rigidez costumeira da época de que o namoro ocorresse “entre o abajur e a mãe”, Guida tem a possibilidade de frequentar o espaço da arte, nas idas autorizadas e semanais ao cinema, onde, além do mundo projetado na tela, ela poderia ver o mundo de pessoas reais para além do espaço e das restrições domésticas e familiares. Essas idas ao cinema, aparentemente triviais, revelam o olhar que Guida tem da vida e do casamento, posto que ela busca compreender o espaço externo. A própria Eurídice percebe isso na irmã.
- Essa relação com o mundo exterior de Guida contribui em sua decisão de fugir de casa para se casar e também em sua resiliência para sobreviver em lugares estranhos após ser abandonada pelo marido estando grávida.

Basicamente esse capítulo é relacionado mais ao namoro de Guida com o namorado Marcos, e ela apresenta o namorado pra os pais, e os pais “aceitam” mas dando algumas restrições para o namoro, como ir ao cinema em dias específicos e etc..

Fonte: Grupo E, 2024.

Nos capítulos sintetizados acima, podemos perceber como os relacionamentos chamam a atenção dos leitores, uma vez que eles foram destacados pelos estudantes na vida de Eurídice e de Guida, e como eles foram determinantes para o desfecho do futuro que elas tiveram, que segundo a percepção deles, foram infelizes. Assim, identificamos também como a figura masculina pode ser ilusória na vida de uma mulher, como foi no caso de Guida. Ela acreditava que teria um futuro promissor ao fugir com Marcos, quando, na verdade, ele a abandonou grávida e sem auxílio financeiro. No caso de Eurídice, o marido apesar de não ser um todo ruim, apresenta resquícios de um abusador, mas que por causa da época em que viviam, muitas questões eram silenciadas, pois o homem detinha esse poder sobre a mulher, enquanto ela, por sua vez, estava totalmente submissa às vontades dele.

Função perfilador:

<b>Personagem</b>	<b>Descrição</b>	<b>Detalhes Adicionais</b>
<b>Eurídice Gusmão</b>	Dona de casa, mãe e esposa. Adorava experimentar coisas novas.	Mulher brilhante, capaz de criar inovações incríveis, mas limitada pelas expectativas sociais. Casada com Antenor e mãe de Cecília e Afonso.
<b>Guida Gusmão</b>	Irmã de Eurídice. Fugiu de casa para viver um grande amor.	Apaixonou-se por Marcos, um estudante de medicina fraco e irresponsável, que a abandonou grávida após fracassar profissionalmente.
<b>Antenor Campelo</b>	Marido de Eurídice. Homem inteligente, mas bruto e machista.	Proibia Eurídice de costurar para fora ou escrever um livro de receitas, pois se sentia ameaçado por suas ambições.
<b>Zélia</b>	Vizinha fofoqueira, que adorava bisbilhotar a vida de Eurídice.	Frustrada por não saber de tudo, agia como o "Lobo Mau" do bairro, espalhando fofocas e bisbilhotando a vida alheia.
<b>Filomena</b>	Prostituta aposentada que cuidava de crianças.	Mantinha uma creche em casa e era muito amada pelas crianças do bairro. Infelizmente, faleceu durante a história.

Fonte: Grupo F, 2024.

O grupo F elaborou uma tabela com os personagens que mais chamaram a atenção deles ao longo da narrativa. Perceba que foram apontadas as qualidades e os defeitos ou infortúnios de cada um, por meio dos quais podemos analisar com mais acuidade o traço de personalidade deles, e dessa forma, compreender a narrativa de modo geral também. Enquanto analisava essas informações, o que mais me chamou a atenção foi o fato de que a maioria dos personagens destacados são mulheres, o que pode revelar a força que a figura feminina tem dentro do romance, e como isso foi percebido pelos alunos em várias funções do círculo de leitura. Apesar de a história abordar algumas mulheres, ela também aborda algumas figuras masculinas, que poderiam também ser a maioria nesta tabela. Ademais, as descrições e os detalhes adicionais também refletem como todas essas mulheres tiveram

suas vidas invisibilizadas de alguma forma, seja pelo homem ou pelas circunstâncias de suas vidas.

### 3.2 Reconhecendo o invisível visível

Apesar de a turma conter 42 alunos matriculados, nem todos autorizaram a divulgação de suas respostas pessoais ao Questionário Avaliativo. Dessa forma, apresento as respostas dos alunos às perguntas elaboradas e sua respectiva análise. Para ter a dimensão real da percepção desses estudantes acerca da invisibilidade feminina no romance *A vida invisível de Eurídice Gusmão* (2016), a divisão das respostas será feita em cinco tabelas, cada uma referente à uma pergunta do Questionário Avaliativo. A primeira pergunta se refere ao passado de Guida, que teve relações sexuais com o dono da farmácia para poder receber em troca os remédios para tratar a doença de sua amiga Filomena. Outro ponto marcante em sua história foi quando ela foi morar com Filomena e passou a trabalhar como babá. No entanto, as pessoas sabiam do passado de Filomena, e acreditavam que Guida poderia ter seguido o mesmo caminho. O objetivo dessa pergunta foi, de fato, provocar, pois se trata de um tópico sensível, uma vez que trata da prostituição. Quando Guida se casa, seu marido questiona se ela teve relações sexuais com outro homem, ela, por sua vez, nega que isso tenha acontecido.

Tabela 3 – Pergunta 1 do Questionário

<b>Qual a sua opinião sobre Guida ter omitido a verdadeira história que viveu antes de se casar novamente?</b>
Aluno A: “Eu achei errado, pois isso que ela viveu é uma parte muito marcante na vida dela e não pode ser omitido de uma pessoa que se tornará muito importante para ela.”
Aluno B: “Bom, apesar de ser errado, Guida tinha seus motivos e medos, então é compreensível.”
Aluno C: “Ela iria se sentir culpada se não contasse e passasse o resto da vida guardando segredo.”
Aluno D: “Pois ela tinha medo da reação do marido e que ele a deixasse.”
Aluno E: “Como foi um passado traumatizante para ela, acho que ela fez certo, pois ela só queria deixar esse passado de lado.”
Aluno F: “Na minha opinião, ela queria esconder a história para não decepcionar as pessoas que ela amava.”
Aluno G: “Eu acho que ela está tentando fechar um buraco no coração dela, por ter tido um casamento horrível.”
Aluno H: “Ela omitiu aquilo pois não queria lembrar isso, então a mesma fez questão de querer

‘excluir’ essa memória da vida real.”
Aluno I: “Ela viveu um passado muito ruim, então apenas quis enterrar e esquecer para recomeçar uma vida nova. Por isso entendo e concordo com a decisão.”
Aluno J: “Eu achei errado, pois ela devia ter contado a ele, por mais que ela não gostasse do seu passado.”
Aluno K: “Guida omitiu seu passado pois ela queria começar uma vida nova.”
Aluno L: “Eu acho que ela teve vergonha de tudo que passou.”
Aluno M: “Guida teve medo de que não aceitasse ela, que tivesse nojo dela, mas ela deveria ter contado.”
Aluno N: “Guida omitiu seu passado por vergonha, e por querer começar uma nova vida, essa situação é compreensível, mas ela poderia ter falado a verdade.”
Aluno O: “Bem, não concordo com a mentira, mas no caso de Guida foi para ter proteção e segurança.”
Aluno P: “Guida se sentiu envergonhada porque ela fugiu, mas a vida dela não ocorreu bem como ela imaginava.”
Aluno Q: “Eu acredito que Guida omitiu a sua história porque ela não queria que seu marido a visse como uma prostituta, e ela queria, de certa forma, deixar o passado para trás. Acho que não é o certo, mas foi melhor assim.”
Aluno R: “Que ela queria começar do zero, esquecer de tudo que ela passou.”
Aluno S: “Dá para entender o seu lado, já que o casamento passado foi um fracasso.”
Aluno T: “Ela estava com muito medo de seu marido largar ela.”
Aluno U: “Por ter vergonha do seu passado e não querer lembrar essa época difícil que ela teve.”
Aluno V: “Acho correto, pois ela não se sentiu confortável de contar ao marido o seu passado trágico. Ela teve que se submeter a isso para tentar uma vida melhor, mas se sentia suja por isso.”
Aluno W: “Eu acho que o novo marido dela não ficaria muito feliz em saber disso, por isso ela decidiu omitir.”

Fonte: Turma 9º ano A, 2024.

As respostas acima, em sua maioria, apresentam empatia pelas circunstâncias nas quais Guida estava, mas também é válido destacar que alguns alunos concordam em afirmar que a omissão do marido não é algo correto. Dessa forma, podemos questionar: até que ponto uma mentira é ou pode ser considerada honesta? No entanto, a questão fundante deste análise não se pauta em critérios de

verdade ou mentira, ela se constitui nas dificuldades que Guida enfrentaria se o seu marido soubesse a verdade sobre o seu passado. Será que ele continuaria casado com ela sabendo a verdade? Será que a desprezaria por ter se prostituído? Ele compreenderia sua paixão da juventude quando fugiu com o pai biológico de seu filho? Provavelmente, algumas dessas dúvidas devem ter permeado o imaginário dos alunos quando responderam essa pergunta, apesar de o valor moral entre verdade e mentira não ser esquecido.

Tabela 4 – Pergunta 2 do Questionário

<b>Sabendo o desfecho da história de Eurídice, você acredita que ela se tornou uma mulher realizada e feliz? Por quê?</b>
Aluno A: “Não, pois a vida dela só foi melhorar depois de muito tempo, ela pode ter sido feliz com seu emprego, mas creio que uma parte dela sempre terá uma certa tristeza.”
Aluno B: “Acho que sim, no final ela consegue realizar seu sonho, mas o que ela passa ainda está em sua memória.”
Aluno C: “Feliz, eu acho que não, mas uma pessoa realizada, sim, mesmo com o marido reprovando o que ela queria, ela persistiu naquilo e conseguiu.”
Aluno D: “Não, apesar de se tornar escritora, ela era infeliz, seus filhos rebeldes e um marido distante.”
Aluno E: “Não, porque ela deixou de fazer muitas coisas que ela queria ter feito.”
Aluno F: “Não, pois ela viveu sua vida fazendo o que ela não gostava, as coisas de casa.”
Aluno G: “Não, pois ela passou por muitas coisas e não realizou todos os seus desejos.”
Aluno H: “Não, pois mesmo assim ela continuou sendo julgada por todos, e acabou sozinha na sua infelicidade.”
Aluno I: “Não, ela passou a vida inteira buscando se encaixar na sociedade e procurando essa tal felicidade. Mesmo tendo realizado um desejo, não acho que se tornou realizada e feliz.”
Aluno J: “Não, pois ela sempre buscava sua felicidade, mas sempre morria na infelicidade.”
Aluno K: “Eurídice não se tornou plenamente realizada e feliz, apesar da sua criatividade e inteligência, foi impedida pelas expectativas sociais e familiares.”
Aluno L: “Não, Eurídice sempre teve uma vida muito infeliz e nunca pôde fazer o que ela sempre quis para se tornar uma pessoa feliz o suficiente.”
Aluno M: “Acredito que a única parte em que Eurídice se sentiu feliz e realizada foi quando publicou seu livro, pois boa parte da história ela viveu e fez coisas que não queria.”

Aluno N: “Acredito que ela tenha se tornado uma mulher realizada, mas não ao ponto de estar feliz. Realizada por ter seguido a profissão que queria.”
Aluno O: “Talvez ‘realizada’ e ‘feliz’ não sejam as palavras certas para definir sua vida, que teve tantos altos e baixos ao decorrer do livro.”
Aluno P: “Não, porque ela se tornou uma mulher sem expectativa e sem ânimo, apenas vivendo no automático.”
Aluno Q: “Sim, no final da história, Eurídice encontra maneiras de se reconectar consigo mesma e busca sua própria felicidade, apesar das dificuldades enfrentadas.”
Aluno R: “Talvez ela não tenha se sentido completamente realizada, mas eu acho que Eurídice finalmente conseguiu fazer algo que ela realmente gostava: escrever. E tinha a companhia de sua irmã. Então acho que ela terminou, de uma certa forma, feliz.”
Aluno S: “Não, ela viveu infeliz, sofrendo nas mãos do marido.”
Aluno T: “Eu acredito que não, não conseguiu o que queria exatamente e ainda não teve o apoio que precisava.”
Aluno U: “Sim, porque ela realizou um sonho, fez faculdade de História e se tornou uma escritora.”
Aluno V: “Não, pois ela passou a vida tentando ser feliz e tentando solucionar os problemas da vida dela, e mesmo realizando um de seus desejos, ela passou a vida sendo ‘invisível’.”

Fonte: Turma 9º ano A, 2024.

Por meio dessas respostas, torna-se claro que para a maioria dos leitores, a vida de Eurídice não foi feliz. Ao final da narrativa, é revelado que Eurídice se forma em História pela PUC do Rio de Janeiro. No entanto, apesar do feito, ao longo da narrativa, entre tantas coisas que Eurídice tentou fazer, apenas uma foi bem sucedida. Ou seja, apesar de uma conquista, não há como invalidar todas as outras coisas que ela poderia ter conquistado se não fosse o marido. Isso está perceptível tanto para mim quanto para uma turma de jovens leitores. Dessa forma, corrobora-se a minha hipótese de que os alunos conseguem perceber como a figura feminina foi invisibilizada no romance *A vida invisível de Eurídice Gusmão* (2016). Assim, além de perceber que isso aconteceu, eles também são capazes de identificar quais fatores contribuíram para que as personagens femininas do romance tivessem suas vidas de alguma forma invisibilizada, principalmente em uma época que ser diferente era considerado loucura, como vimos em um trecho no qual Zélia e suas companheiras descrevem o comportamento de Eurídice quando ela muda de endereço. Claro que há quem concorde que Eurídice foi feliz, embora sem esquecer das difíceis situações que passou com o seu marido, percebendo aí a invisibilidade dela.

Tabela 5 – Pergunta 3 do Questionário

<b>Mesmo com as reprovações do marido, Eurídice nunca desistiu daquilo que acreditava. Pensando nisso, escreva qual foi a profissão a qual ela se dedicou e justifique, com sua opinião, o porquê de ela fazer isso, ou seja, o que motivou Eurídice a escolher e fazer o que foi relatado no livro.</b>
Aluno A: “(...) acho que seu maior incentivo foi ela mesma, já que ela nunca desistiu dos seus sonhos e desejos.”
Aluno B: “(...) desde nova ela queria realizar esse sonho, mas seu marido a desprezava e não deixava.”
Aluno C: “(...) a vida dela a motivou a se tornar isso.”
Aluno D: “(...) creio que ela fez isso como uma forma de fugir da realidade.”
Aluno E: “(...) ela queria incentivar as outras mulheres, contando a sua história.”
Aluno F: “(...) assim ela poderia se expressar mais o que sentia através de um livro ou melhor dizendo ‘desabafando’.”
Aluno G: “(...) para poder contar a própria história dela.”
Aluno H: “(...) devido ao refúgio que encontrou nos livros, acredito também que foi uma maneira de mostrar-se ao mundo.”
Aluno I: “(...) para que ela pudesse contar a sua vida e os desafios que ela enfrentou e também encorajar outras mulheres.”
Aluno J: “(...) para expressar sua criatividade.”
Aluno K: “(...) pois foi a única profissão que ela conseguiu prosseguir.”
Aluno L: “(...) porque ela foi impedida de realizar outras e escrevendo ela poderia expressar todos os seus sentimentos.”
Aluno M: “(...) mas sempre acabava voltando para os livros, neles ela encontrava refúgio e uma maneira de escapar da realidade.”
Aluno N: “(...) porque amava escrever e era uma forma de refúgio para ela.”
Aluno O: “(...) pois era um meio de desabafar suas ideias.”
Aluno P: “(...) ela se motivou a escrever para contar um pouco de sua história e também como um meio de desabafar.”
Aluno Q: “(...) porque tinha um grande amor pelos livros e escrever era como uma válvula de escape para ela.”

Aluno R: “(...) para ela era uma motivação de que ela ainda poderia realizar o seu sonho.”
Aluno S: “(...) ela queria relatar a invisibilidade da mulher e tudo que as mulheres sofrem.”
Aluno T: “(...) devido a sua paixão por isso. No começo do livro vemos que Eurídice escreveu um livro de receitas, mas o seu marido não a apoiou.”

Fonte: Turma 9º ano A, 2024.

As respostas retratam como tornar-se escritora foi fundamental na repercussão da narrativa de Eurídice. Ao longo da leitura, várias passagens relatam Eurídice sentada, olhando fixamente para a estante de livros. No último capítulo, é revelado que Eurídice cursou História e se tornou escritora. Seu primeiro livro é sobre a história da invisibilidade, mas o que não fica claro é a quem ou ao o quê se refere essa invisibilidade. Dessa forma, fica a critério do leitor preencher ou não esse vazio na narrativa, conforme foi apresentado acima. Além disso, ficou claro também como o livro, a escrita e a leitura tem um papel fundamental na vida de alguém. No caso de Eurídice, segundo a percepção de alguns alunos, essa foi a sua rota de escape da rotina monótona em que ela vivia. Era o seu trunfo, a sua vitória, a sua maior realização, enquanto era desprezada pela própria família, que nem a apoiou nem expressou interesse em saber do que se tratava essa história da invisibilidade, demonstrando, mais uma vez, como a vida de Eurídice Gusmão foi invisível. Para não conter informação repetida na tabela, utilizei a reticências entre parênteses para indicar que os alunos responderam “escritora” à pergunta sobre a profissão que ela tinha seguido.

Tabela 6 – Pergunta 4 do Questionário

<b>Pensando em todas as mulheres citadas no livro, qual mais chamou a sua atenção e por quê?</b>
Aluno A: “Guida, pois eu senti que ela conseguiu viver a vida, mesmo ela não tendo um amor vingado quando ela fugiu, ela se aventurou e possui uma experiência de vida.”
Aluno B: “Eurídice, pois além dela ser a protagonista, ela se mostrou uma mulher determinada.”
Aluno C: “Guida, pela forma de como ela agia, sua forma de saber a vida, acho muito bonito.”
Aluno D: “A fofoqueira Zélia, pois ela me lembra da minha falecida avó.”
Aluno E: “Guida, pois ela mostra uma realidade das meninas que fogia de casa para morar com seus namorados, e depois ela se perde, pois não planejou. Depois disso, acabam vivendo em condições precárias.”
Aluno F: “Guida, pois ela retrata a vida de muitas mulheres por aí.”

Aluno G: “Eurídice, pois mesmo com a reprovação do marido, ela nunca desistiu do seu sonho e ela tentou até conseguir e ela fez de tudo para que ela conseguisse se tornar o que queria.”
Aluno H: “A personagem que mais chamou atenção é Guida, ela desafia as normas sociais da época.”
Aluno I: “A própria protagonista Eurídice, pois no livro conta detalhadamente sobre sua vida sendo ‘invisível’ e todos os seus sofrimentos.”
Aluno J: “A Filomena. Porque ela sempre procurou seus direitos como humano e nunca deixava ninguém desrespeitá-la mesmo com críticas, ela sempre foi forte e superou todas elas.”
Aluno K: “Com certeza Eurídice, pois ela era uma mulher muito inteligente e a frente do seu tempo, determinada e disposta a fazer o que queria, não ligava para a opinião dos outros, ela de fato nasceu na época errada, chamou minha atenção porque Eurídice foi a mulher que poderia ter sido.”
Aluno L: “A história de vida que mais me tocou foi a de Guida, em questão de maternidade.”
Aluno M: “Zélia. Ela foi uma mulher extramamente curiosa, e adorava conversar e opinar na vida dos outros.”
Aluno N: “Guida, pois mostra a realidade de diversas mães e famílias pelo Brasil.”
Aluno O: “Eurídice, pois ela teve muita força de vontade e não desistiu dos seus sonhos.”
Aluno P: “Acho que Guida, porque ela queria ser livre.”
Aluno Q: “A que mais chamou minha atenção definitivamente foi Eurídice. Não apenas por ser a protagonista, mas porque ela era uma mulher muito inteligente e que sempre teve muito potencial. Porém, por causa das ideias da época em que viveu, não era vista pela sociedade. Eu amei a construção da personagem Eurídice e amei o final, quando ela descobre uma paixão pela leitura e pela escrita.”
Aluno R: “Guida, por muitos motivos os seus atos são compreensíveis, o arrependimento que teve querendo melhorar e seu amor por sua irmã.”
Aluno S: “Zélia. A história dela mostra que o seu passado pode deixar muitas feridas e isso prejudica seu futuro.”
Aluno T: “Eurídice. Porque ela nunca desistiu de fazer coisas novas, mesmo com a reprovação do marido, mostrando que a mulher não serve apenas para cuidar da casa, mas também pode fazer o que ela quiser.”
Aluno U: “Eurídice, pela sua força e determinação, que mesmo sendo alvo de críticas dentro de sua própria casa pelo marido, ela não desistiu.”

Apesar de não ser a personagem principal do romance, Guida possui grande destaque na narrativa, e considerando as respostas dos leitores que compõem esta pesquisa, ela também foi considerada a personagem que mais chamou a atenção deles. Dessa forma, podemos atribuir essa escolha ao fato de que Guida representa muito mais a nossa realidade, que são mães solteiras, abandonadas pelos parceiros quando descobrem a gravidez. Foi exatamente isso o que aconteceu com a minha mãe quando estava grávida de mim. Por esse motivo, até hoje não tenho o nome do meu pai em nenhum documento, o que me torna, portanto, mais um número somado à estatística nacional de filho de mãe solteira. Esse fato é relevante uma vez que ele revela a linha tênue que existe entre a ficção e a realidade, e que a ficção não está tão distante de nós como às vezes imaginamos. Apesar de a situação de Eurídice também não ter sido fácil, possivelmente Guida tenha chamado mais a atenção pela sua personalidade corajosa e obstinada, a qual reflete, sobretudo, na nova geração. Eurídice foi a segunda que mais chamou a atenção, seguida de Zélia e Filomena. Ambas são mulheres que passaram por situações difíceis, e que, de algum modo, foram invisibilizadas, seja pelo homem, seja pela sociedade em geral, considerando que o atendimento aos padrões sempre foram essenciais para que o preconceito não recaísse sobre alguém.

Tabela 7 – Pergunta 5 do Questionário

<b>Por que você acredita que o adjetivo “invisível” foi inserido no título do nosso livro e no livro que Eurídice escreveu?</b>
Aluno A: “Ela passou a vida inteira sendo humilhada e desprezada, sempre tendo suas ideias de lado, sendo assim esse seria o significado de sua vida invisível.”
Aluno B: “Pois a vida dela realmente era invisível, sem ela poder realizar o seu grande sonho de ser escritora famosa.”
Aluno C: “Ela era muito desprezada.”
Aluno D: “Porque todas as vezes que ela tentava fazer algo, era contida, apagada, se tornando invisível.”
Aluno E: “Por causa das diversas situações em que ela passou devido à sociedade machista.”
Aluno F: “Porque ela escreve sobre a vida dela, que ela só tinha a obrigação de fazer os trabalhos domésticos . O marido dela não aceitava ela fazer outra coisa e ela passou a vida inteira sendo invisível.”
Aluno G: “Pois ela se sentiu invisível como mulher.”
Aluno H: “Porque ela não teve a chance de viver a vida que ela queria, com isso, ela passa

despercebida, invisível pelo resto da sua vida.”
Aluno I: “Acredito que porque ela passou sua vida sendo despercebida, se sentindo invisível e querendo mostrar do que era capaz, mas sem credibilidade alguma.”
Aluno J: “Pela vida de Eurídice ser realmente ‘trancada’ a muitas coisas, literalmente invisível.”
Aluno K: “Pois a vida da mulher acaba sendo ‘invisível’, a sociedade fecha o olho para a vida da mulher dentro de casa.”
Aluno L: “Pois o livro retrata toda a história de Eurídice Gusmão sendo uma pessoa despercebida e ignorada, ou seja, uma pessoa invisível.”
Aluno M: “Porque seus familiares não se importavam com os seus sonhos e isso fez com que ela se sentisse invisível, como muitas pessoas também passam por isso.”
Aluno N: “Se trata não apenas da vida invisível de Eurídice, mas também de todas as mulheres que aparecem no livro. Pois todas foram impostas aos padrões e regras da época, onde todas tinham sonhos e coisas que desejavam fazer, mas na época só lhe cabiam a mesma coisa: dona de casa, esposa e mãe, onde a maioria acabava tendo uma vida invisível.”
Aluno O: “Por todas as histórias de mulheres que naquela época, a até os dias atuais, as mulheres eram invisíveis, tratadas como algo sem importância e sem relevância.”
Aluno P: “O adjetivo ‘invisível’ representa tamanha invisibilidade que as mulheres tinham naquela época, o quanto ela não era reconhecida.”
Aluno Q: “Porque Eurídice viveu em uma época em que ela não podia ser vista, ser valorizada. Ela era uma mulher muito forte e inteligente, porém seus desejos sempre eram deixados de lado porque ela ‘só servia’ para ser uma boa esposa, uma boa mãe, uma boa dona de casa, mas ela nunca foi realmente vista pelo que ela era.”
Aluno R: “Pois ela tinha muito talento, mas era ‘invisível’ por ser mulher e tendo que se ocupar com deveres de casa.”
Aluno S: “Que Eurídice era apenas valorizada para cuidar dos filhos e da casa, quando ia fazer outra coisa, nunca era levada a sério, não importa o seu esforço, sempre diziam que era apenas a sua obrigação como mulher.”
Aluno T: “Eu acho que ela queria fazer um livro relatando a invisibilidade dela e de outras mulheres que têm histórias parecidas com a de Eurídice.”
Aluno U: “Porque o adjetivo ‘invisível’ se refere a quem não era reconhecido ou notado, que era o caso de Eurídice, que era vista como uma qualquer, vivendo numa sociedade machista. Devido a toda essa situação, Eurídice adicionou esse adjetivo ao seu livro.”

Aluno V: “Acredito que ela queria passar o seu sentimento para os leitores/público.”

Fonte: Turma 9º ano A, 2024.

De um modo geral, todos concordam e acreditam que a vida de Eurídice foi invisibilizada por homens ou por questões sociais relativas à época em que a história acontece. Claro que o adjetivo “invisível” inserido no título do livro e no título do livro que Eurídice escreveu é uma influência para que o leitor perceba que algo tornou sua vida invisível. No entanto, essa concepção é relatada por leitores da mesma faixa etária em contextos sociais diversos, cada um com sua crença e própria percepção de mundo. O mais importante também para analisar é que, através das respostas dos alunos à pergunta, fica explícito que o conceito de invisibilidade não foi aceito por eles apenas por estar presente no título do livro. Cada um, de sua maneira, explicou a causa dessa invisibilidade, e como vimos nas questões e respostas anteriores, a invisibilidade não atingiu apenas a vida de Eurídice, mas de outras mulheres também, em contextos completamente diferentes daquele no qual Eurídice estava inserida. Assim, podemos concluir que a percepção do conceito de invisibilidade dentro da narrativa não é algo feito aleatoriamente, mas ancorado no texto e no conhecimento de mundo que os alunos possuem, por meio dos quais corrobora-se a hipótese de que eles são capazes de perceber como a invisibilidade da personagem feminina se constitui no texto literário, apresentando para isso, justificativas suficientemente pertinentes à análise.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos os aspectos que requerem atenção e conscientização de si próprio durante o processo de leitura, sobretudo, a literária, a qual possui um caráter representativo em meio às circunstâncias nas quais cada leitor está envolvido, não sendo capaz de dissociar tais características de sua leitura, pois isso faz dele um leitor único, embora concebido dentro de uma coletividade. Dessa forma, “(...) o fator social é invocado para explicar a estrutura da obra e o seu teor de idéias, fornecendo elementos para determinar a sua validade e o seu efeito sobre nós” (Candido, 2006, p. 24). É nesse sentido que se diferenciam os conceitos de Jauss (1982) e Iser (1996). O primeiro observa os aspectos da leitura considerando uma coletividade documental; enquanto o segundo, considera, em tese, o leitor em sua individualidade. Nesse panorama, “veremos então, provavelmente, que os elementos de ordem social serão filtrados através de uma concepção estética e trazidos ao nível da fatura, para entender a singularidade e a autonomia da obra” (Candido, 2006, p. 24).

Portanto, a interação entre o leitor e o texto literário, imersos em contextos que reverberam em seus repertórios as interpretações resultantes das variadas interações sociais, abre caminho para refletir sobre a prática e a existência dos textos literários em nossas vidas, uma vez que buscamos atribuir sentido e significado na maioria de nossas experiências de mundo. Dessa forma, partimos do pressuposto de que a leitura do romance *A vida invisível de Eurídice Gusmão* (2016) possibilitou uma análise da representatividade feminina em nossos dias atuais. Embora essa narrativa seja ambientada no Rio de Janeiro dos anos 1940, acreditamos que esse espaço de tempo entre o passado e o presente não promoveu divergências em nossas análises, bem como na recepção dos estudantes ao ler o livro, pois questões relacionadas ao desempenho de papéis sociais estão atualmente em voga. Eurídice Gusmão, apesar da invisibilidade sobre a qual esteve submetida, é um claro exemplo de como a sua existência é significativa e representativa não apenas para mulheres, mas para toda uma reformulação de nossa concepção do meio social, do qual não podemos fugir nem camuflar. Nesse panorama,

considerada em si, a função social independe da vontade ou da consciência dos autores e consumidores de literatura. Decorre da própria natureza da obra, da sua inserção no universo de valores culturais e do seu caráter de expressão, coroada pela comunicação. Mas quase sempre, tanto os artistas quanto o público estabelecem certos desígnios conscientes, que passam a formar uma das camadas de significado da obra (Candido, 2006, p. 54).

Nesse contexto, e observando as circunstâncias sociais narradas em *A vida invisível de Eurídice Gusmão* (2016), torna-se possível abordar o papel da mulher em um espaço transformador, como é o caso da literatura, através da qual também percebemos o destaque e a influência do

feminino em textos literários. Jauss introduz a ideia de que a recepção de uma obra literária pode variar ao longo do tempo, refletindo mudanças nas sensibilidades culturais e nas práticas de leitura, enquanto Iser destaca a importância do espaço em branco e da indeterminação no texto, que permitem ao leitor participar ativamente da construção do significado.

Nessa interação, ocorre a recepção, por meio da qual o leitor vivencia novos sentidos e significados em sua leitura. Segundo Jauss, o foco não está na história da Literatura em si, mas em como o leitor recebe esteticamente a obra, o que lhe permite experimentar uma nova forma de compreender o mundo ao seu redor. Diante disso, Candido afirma que

A literatura é pois um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo (Candido, 2006, p. 83).

Naturalmente, isso ocorre em um espaço que é coletivo, o que culmina em uma produção documental dessa recepção experimentada por toda aquela comunidade ou geração de leitores. Assim, ao associar essa teoria à nossa prática docente, o professor se torna um mediador essencial nesse processo, capaz de democratizar o acesso ao conhecimento e direcionar a aprendizagem de acordo com as necessidades e interesses de sua turma. Essa mediação não apenas enriquece a experiência estética dos alunos, mas também os ajuda a contextualizar e aplicar os conhecimentos literários em sua vida cotidiana, promovendo um ambiente de aprendizado mais inclusivo e significativo.

Nesse sentido, a figura do leitor, em sua humanidade e singularidade, foi crucial não apenas para a execução desta pesquisa, mas também para as transformações contínuas que o processo educativo enfrenta. À medida que buscamos tornar a leitura cada vez mais influente, reconhecemos que essa prática tem o poder de ressignificar vidas por meio da palavra escrita, oferecendo novas perspectivas e ampliando horizontes. A leitura, portanto, deve ser encarada como um ato de empoderamento, capaz de moldar identidades e fomentar a criatividade dos alunos, preparando-os para um mundo em constante mudança.

Além disso, ao reconhecer a figura do leitor como um agente ativo nesse processo, é fundamental considerar a diversidade de experiências e contextos que cada estudante traz para a sala de aula. Essa diversidade enriquece a dinâmica da leitura, permitindo diálogos mais profundos e significativos com os textos. Quando os alunos se veem representados nas histórias que leem, sua

identificação com os personagens e suas trajetórias se intensifica, promovendo uma conexão emocional que estimula o pensamento crítico. Ao integrar diferentes vozes e perspectivas na prática literária, os educadores não apenas ampliam o repertório cultural dos alunos, mas também incentivam o respeito pelas diferenças. Essa abordagem inclusiva é essencial para formar cidadãos mais conscientes e participativos, prontos para contribuir de maneira construtiva em suas comunidades.

Por fim, ao estabelecer a leitura como uma prática contínua e prazerosa, é possível criar um ambiente onde os alunos se sintam motivados a explorar, questionar e criar. O incentivo à leitura crítica não apenas enriquece o aprendizado, mas também os prepara para os desafios da vida contemporânea, equipando-os com as ferramentas necessárias para interpretar e interagir com o mundo de maneira reflexiva e informada. Dessa forma, a leitura se torna um pilar fundamental na formação integral dos estudantes, contribuindo para seu desenvolvimento pessoal e social.

Nesse contexto, afirmamos que a nossa expectativa com esta pesquisa é tornar palpável como a atual geração de leitores/estudantes concebe a presença da figura feminina em seus cotidianos, pois partindo da ficção, é necessário que haja um impacto real de conscientização na forma como concebemos a presença da mulher em nossa rotina diária, seja exercendo um papel familiar, profissional ou acadêmico, esferas pelas quais Eurídice Gusmão passou até compreender o verdadeiro sentido de sua existência na vida do marido, dos filhos e de todos a sua volta nos bairros cariocas onde ela morou. Portanto, o conceito de invisibilidade tende a ser subjetivo, pois tanto pode ser percebido pelo leitor, como pode ser referente à autopercepção da própria personagem.

## REFERÊNCIAS

- A VIDA INVISÍVEL. Direção: Karim Aïnouz. Produção de Rodrigo Teixeira. Brasil: Canal Brasil; Pola Pandora Film; RT Features; Sony Pictures, 2019. *Streaming*.
- AGUIAR, Vera Teixeira de. BORDINI, Maria da Glória. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- BARTHES, Roland. A Morte do Autor. In: **O Rumor da Língua**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BATALHA, Martha. **A vida invisível de Eurídice Gusmão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- BRASIL. Congresso. Senado. Lei nº 13006, de 26 de junho de 2014. Acrescenta § 8º ao art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para obrigar a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica. **Lei Nº 13.006 de 26/06/2014**. Brasília, DF, 27 jun. 2014. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2014/lei/113006.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113006.htm). Acesso em: 28 set. 2024.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- COLOMER, T. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2007.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.
- COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.
- COSSON, Rildo. A PRÁTICA DA LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA: MEDIAÇÃO OU ENSINO?. **Nuances: Estudos sobre Educação**, Presidente Prudente, v. 26, n. 3, p. 161–173, 2016. DOI: 10.14572/nuances.v26i3.3735. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/3735>. Acesso em: 23 jul. 2024.
- ENGEL, Guido Irineu. Pesquisa-ação. **Educar em Revista**, [S.L.], n. 16, p. 181-191, dez. 2000. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.214>. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/2045/1697>. Acesso em: 30 set. 2024.
- FARIAS, S. R. de. Tendências da crítica literária contemporânea. João Pessoa: **Revista Graphos**, v. 11, n. 1, 2009, p. 235-244. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/graphos/issue/view/484>. Acesso em: 26 ago. 2020.
- GADAMER, H.-G. **Verdade e Método: Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. Tradução de Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes, 1997.
- HALL, S. Encoding/Decoding. In: **Culture, Media, Language**. London: Hutchinson. 1980.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. 10.ed. Tradução de Márcia Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 2015.

HUSSERL, E. **Cartesian Meditations: An Introduction to Phenomenology**. Dordrecht: Springer, 1977.

HUSSERL, E. **Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**. Introdução geral à fenomenologia pura. Tradução de Marcio Suzuki. São Paulo: Ed. Idéias e Letras, 2006.

HUSSERL, Edmund. **A ideia da fenomenologia**. Tradução Artur Morão. Lisboa: Ed. 70, 2000.

INGARDEN, R. **The Literary Work of Art: An Investigation on the Borderlines of Ontology, Logic, and Theory of Literature**. Evanston: Northwestern University Press, 1973.

HAYANA, Thaís. **Protagonismo feminino negro**: Uma inserção de gênero e raça na literatura contemporânea brasileira. In: XII Mostra científica - Conhecimento e saber: Interlocação necessária na formação acadêmica. Anais. Faculdade São Luís de França. Aracaju, 2019.

ISER, Wolfgang. **The Act of Reading: A Theory of Aesthetic Response**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1978.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1996, v. 1.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1996, v. 2.

JAUSS, H. R. **Aesthetic Experience and Literary Hermeneutics**. Tradução de Michael Shaw. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1982.

LUNZ, L. da S. Mulher e História: da invisibilidade à sujeito de análise. **IF-Sophia: revista eletrônica de investigações Filosófica, Científica e Tecnológica**, [S. l.], v. 4, n. 15, p. 11–31, 2018. Disponível em: <https://revistas.ifpr.edu.br/index.php/ifsophia/article/view/1460>. Acesso em: 8 dez. 2024.

OLIVEIRA, Maria Elzilene Moreira Nóbrega e. **Assim me contaram, assim vos contei**: narrativas de tradição oral de avós dos sertões cearenses. 2020. 172 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado Interdisciplinar em História e Letras, Universidade Estadual do Ceará, Quixadá, 2020. Disponível em: <https://www.uece.br/ppgcc/wp-content/uploads/sites/66/2021/05/dissertacaomariaelzilenemoreiranobregaeoliveira.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2024.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Mutações da literatura no século XXI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

ROSSINI, T. **A construção do feminino na literatura**: representando a diferença. *Brasiliana: Journal for Brazilian Studies*, 288-312. Disponível em: <https://tidsskrift.dk/bras/article/view/16761>.

Acesso em: 08 mar. 2022.

SANTOS, C. S. G. dos. **Teoria do Efeito Estético e Teoria Histórico-Cultural**: o leitor como interface. Recife: Bagaço, 2009.

SANTOS, C. S. G. dos. **Literatura e Cinema**: uma interface metaprocedimental via antropologia literária. 125f. 2017. Tese (Pós-doutorado em Teoria da Literatura) – Programa de Pós- Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

SANTOS, C. S. G. dos. Atos de ficcionalizar e emancipação do leitor: para além do oxigênio. **Revista Graphos**, João Pessoa, v. 22, n. 2, p. 96-111, 18 ago. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/view/52620/31716>. Acesso em: 23 jul. 2024.

SANTOS, C. S. G.; COSTA, F. F.; SOUTO, R. A. (Orgs.). **Uma cartografia Iseriana de experiências estéticas**: teoria, literatura e cinema.: Editora do CCTA, 2020. Disponível em: <https://www.ccta.ufpb.br/editoraccta/contents/titulos/letras-1/uma-cartografia-iseriana-de-experiencias-esteticas-teoria-literatura-e-cinema/vol-07-uma-cartografia-iseriana-de-experiencias-esteticas.pdf/view>. Acesso em: 28 set. 2024.

SILVA, Marione Patrício da. **A metodologia do Círculo de Leitura como estratégia de letramento literário**: Um relato experiência no Ensino Fundamental II. 2020. 60 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Língua Portuguesa). UFPB/CCHLA, João Pessoa-PB. Disponível em: [https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/18140/1/Marione%20Patr%c3%adcio%20da%20Silva\\_vers%c3%a3o%20final.pdf](https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/18140/1/Marione%20Patr%c3%adcio%20da%20Silva_vers%c3%a3o%20final.pdf). Acesso em: 2 nov. 2024.

ZILBERMAN, R. Literatura e pedagogia: reflexões com relances de depoimento. In: ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da (Orgs.). **Literatura e Pedagogia**: ponto e contraponto. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990, p. 19-29.

ZILBERMAN, R.; RÖSING, T. M. K. **Escola e Leitura**: velha crise, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009.

## Apêndice I – Questionário Avaliativo referente à leitura do livro



Disciplina: Literatura

Professor (a): Kayo

Aluno:

Turma: 9º ano

Turno:

Data: \_\_\_/\_\_\_/2024

Nota:

### Segunda Avaliação

1. Qual a sua opinião sobre Guida ter omitido a verdadeira história que viveu antes de se casar novamente? (2,0 pontos)

-----  
 -----  
 -----

2. Sabendo o desfecho da história de Eurídice, você acredita que ela se tornou uma mulher realizada e feliz? Por quê? (2,0 pontos)

-----  
 -----  
 -----

3. Mesmo com as reprovações do marido, Eurídice nunca desistiu daquilo que acreditava. Pensando nisso, escreva qual foi a profissão a qual ela se dedicou e justifique, com sua opinião, o porquê de ela fazer isso, ou seja, o que motivou Eurídice a escolher e fazer o que foi relatado no livro. (2,0 pontos)

-----  
 -----  
 -----

4. Pensando em todas as mulheres citadas no livro, qual mais chamou a sua atenção e por quê? (2,0 pontos)

-----  
 -----  
 -----  
 -----

5. Por que você acredita que o adjetivo "invisível" foi inserido no título do nosso livro e no livro que Eurídice escreveu? (2,0 pontos)

-----  
 -----  
 -----  
 -----

## Anexos

CENTRO DE CIÊNCIAS DA  
SAÚDE DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA PARAÍBA -  
CCS/UFPB



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Entre a vida de Eurídice Gusmão e o leitor: experiência estética em meio ao invisível

**Pesquisador:** KAYO HENRIKY LIMA DA SILVA

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 83020024.6.0000.5188

**Instituição Proponente:** Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 7.183.501

#### Apresentação do Projeto:

\* Para a consecução do trabalho proposto, será elaborada uma sequência didática composta pela seguintes etapas: a) Primeira etapa: apresentação do que será feito ao longo das aulas, como estratégia didática para orientá-los no processo de realização das atividades propostas na sequência didática. Isso deve ser realizado em 2 aulas de 50 minutos cada.  
b) Segunda etapa: leitura do romance 'A vida invisível de Eurídice Gusmão' (2016) com os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. Nesta etapa, os alunos iniciarão a leitura coletiva do romance em sala de aula. A previsão para realização desta etapa é de aproximadamente 3 meses de aulas com tempo dedicado integralmente à leitura do livro, pois é natural que no decorrer do processo, os alunos apontem dúvidas, questionamentos e comentários pertinentes à temática e ao trabalho realizado, considerando que isso influenciará na obtenção de dados relacionados à recepção deles enquanto leitores.  
c) Terceira etapa: realização do círculo de leitura estruturado. Nessa etapa, a turma de alunos, dividida em grupos conforme cada função do círculo, apresentará, em forma expositiva, suas percepções acerca da leitura realizada, com o objetivo de promover reflexões e diálogos sobre o livro lido em sala de aula.  
d) Quarta etapa: os alunos assistirão ao filme brasileiro 'A Vida Invisível' (2019), baseado no mesmo livro escolhido para leitura e recepção. O filme não será usado para fins analíticos

**Endereço:** Campus I / Prédio do CCS UFPB - 1º Andar  
**Bairro:** Cidade Universitária **CEP:** 58.051-900  
**UF:** PB **Município:** JOÃO PESSOA  
**Telefone:** (83)3216-7791 **Fax:** (83)3216-7791 **E-mail:** comitedeetica@ccs.ufpb.br

Página 01 de 04

CENTRO DE CIÊNCIAS DA  
SAÚDE DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA PARAÍBA -  
CCS/UFPB



Continuação do Parecer: 7.183.501

apenas para concluir a temática abordada no romance literário, conforme prevê a lei 13.006, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para obrigar a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica.

e) Quinta etapa: aplicação de Questionário Avaliativo referente à leitura do livro. Destaco que a avaliação com atribuição de nota faz parte do contexto de qualquer instituição de ensino."

#### Objetivo da Pesquisa:

##### Objetivo Primário:

Investigar como a invisibilidade da figura feminina no romance 'A vida invisível de Eurídice Gusmão' (2016), da autora Martha Batalha, é percebida por alunos do 9º ano do Ensino Fundamental por meio de sequência didática de atividades.

##### Objetivo Secundário:

Realizar a leitura integral do livro "A vida invisível de Eurídice Gusmão" (2016) durante as aulas de Literatura; Realizar a estratégia círculo de leitura estruturado, proposto por Cosson (2014); Exibir o filme "A Vida Invisível" (2019) no horário da aula de Literatura; Aplicar Questionário Avaliativo referente à leitura do livro.

#### Avaliação dos Riscos e Benefícios:

##### SEGUNDO O PESQUISADOR:

##### Riscos:

Ao tratar de uma temática relacionada aos aspectos sociais e culturais envolvendo a invisibilidade da personagem feminina no romance e que pode ser associada ao mundo extraficcional, discussões preconceituosas podem ocorrer gerando conflitos entre os discentes, mas tal situação pode ser mediada pelo professor pesquisador.

##### Benefícios:

A leitura guiada por meio de uma sequência didática permite não apenas desenvolver a competência leitora, mas a autoconsciência e o domínio do processo de leitura. Os discentes também serão capazes de realizar leituras com textos mais complexos.

#### RISCOS E BENEFÍCIOS ADEQUADOS AO PROJETO.

#### Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

PESQUISA EXECUTÁVEL.

#### Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram apresentados tempestivamente nessa segunda versão.

**Endereço:** Campus I / Prédio do CCS UFPB - 1º Andar  
**Bairro:** Cidade Universitária **CEP:** 58.051-900

**CENTRO DE CIÊNCIAS DA  
SAÚDE DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA PARAÍBA -  
CCS/UFPB**



Continuação do Parecer: 7.183.501

A SABER OS TERMOS TCLE E TALE DEVEM SER ASSINADOS ANTES DA EXECUÇÃO DA PESQUISA E DEPOIS DE PASSAR NO COMITÊ DE ÉTICA.

**Recomendações:**

- RECOMENDA-SE SEGUIR TODOS OS PRECEITOS DAS RESOLUÇÕES VIGENTES
- RECOMENDA-SE QUE, CASO HAJA NECESSIDADE DE MUDANÇA OU AJUSTE, ENVIE EMENDA VIA PLATAFORMA BRASIL
- CONSIDERAR COMO PARTICIPANTE DA PESQUISA APENAS OS ALUNOS QUE OS PAIS DEREM AUTORIZAÇÃO.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

NÃO FORAM ENCONTRADOS ÔBICES ÉTICOS.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Certifico que o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba e CEP/CCS aprovou a execução do referido projeto de pesquisa. Outrossim, informo que a autorização para posterior publicação fica condicionada à submissão do Relatório Final na Plataforma Brasil, via Notificação, para fins de apreciação e aprovação por este egrégio Comitê.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB INFORMACOES_BASICAS_DO_PROJETO_2139091.pdf	04/10/2024 11:52:06		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE.pdf	04/10/2024 11:51:02	KAYO HENRIKY LIMA DA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	04/10/2024 11:46:12	KAYO HENRIKY LIMA DA SILVA	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	04/10/2024 11:45:24	KAYO HENRIKY LIMA DA SILVA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoDetalhado.pdf	04/10/2024 11:44:34	KAYO HENRIKY LIMA DA SILVA	Aceito
Outros	InstrumentoDeColetaDeDados.pdf	04/10/2024 11:43:49	KAYO HENRIKY LIMA DA SILVA	Aceito

**Endereço:** Campus I / Prédio do CCS UFPB - 1º Andar  
**Bairro:** Cidade Universitária **CEP:** 58.051-900  
**UF:** PB **Município:** JOAO PESSOA  
**Telefone:** (83)3216-7791 **Fax:** (83)3216-7791 **E-mail:** comitedeetica@ccs.ufpb.br

Página 03 de 04

**CENTRO DE CIÊNCIAS DA  
SAÚDE DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA PARAÍBA -  
CCS/UFPB**



Continuação do Parecer: 7.183.501

Outros	RequerimentoautorizaodepesquisaPPGL UFPB assinado.pdf	04/10/2024 11:01:33	KAYO HENRIKY LIMA DA SILVA	Aceito
Outros	CartaDeAnuencia.pdf	05/09/2024 16:33:25	KAYO HENRIKY LIMA DA SILVA	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto_assinado.pdf	05/09/2024 16:29:31	KAYO HENRIKY LIMA DA SILVA	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

JOAO PESSOA, 25 de Outubro de 2024

Assinado por:  
Eliane Marques Duarte de Sousa  
(Coordenador(a))

**Endereço:** Campus I / Prédio do CCS UFPB - 1º Andar  
**Bairro:** Cidade Universitária **CEP:** 58.051-900



#### AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL PARA PESQUISA

A Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), através do seu coordenador Marco Valério Classe Colonnelli, está ciente e autoriza a execução da pesquisa intitulada: "Entre a vida de Eurídice Gusmão e o leitor: experiência estética em meio ao invisível", que será desenvolvida pelo mestrando, Kayo Henryk Lima da Silva (Matrícula: 20221017750), orientado pela Profa. Dra. Luciane Alves Santos.

João Pessoa, 26 de setembro de 2024.



Assinatura  
Coordenador do PPG/L/UFPA

Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes - CCHLA  
Programa de Pós-Graduação em Letras Campus I - João Pessoa-PB. Fone: (83) 3216-7335



#### DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO

Declaramos para os devidos fins, que o pesquisador Kayo Henryk Lima da Silva, aluno do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da Profa. Dra. Luciane Alves Santos, está autorizado a desenvolver nesta instituição o seu projeto de pesquisa intitulado ENTRE A VIDA DE EURÍDICE GUSMÃO E O LEITOR: EXPERIÊNCIA ESTÉTICA EM MEIO AO INVISÍVEL, cujo objetivo é investigar como a invisibilidade da figura feminina no romance "A vida invisível de Eurídice Gusmão" (2016), da autora Martha Batalha, é percebida por alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. Tal percepção será coletada através de atividades de leitura propostas em uma Sequência Didática.

Esta autorização está condicionada ao cumprimento do pesquisador aos requisitos da Resolução 466/12 CNS e suas complementares, comprometendo-se a utilizar os dados pessoais dos sujeitos da pesquisa, exclusivamente para os fins científicos, mantendo o sigilo e garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades.

Antes de iniciar a coleta de dados o pesquisador deverá apresentar a esta Instituição o Parecer Consubstanciado devidamente aprovado, emitido por Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, credenciado ao Sistema CEP/CONEP.

João Pessoa, 04 de setembro de 2024.

Nome/assinatura e carimbo do responsável pela Instituição ou pessoa por ele delegada

João Carlos de Faria  
Aut. N° 11.178  
Diretor Escolar



 <b>MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP</b> <b>FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS</b>			
1. Projeto de Pesquisa: Entre a vida de Eurídice Gusmão e o leitor: experiência estética em meio ao invisível			
2. Número de Participantes da Pesquisa: 42			
3. Área Temática:			
4. Área de Conhecimento: Grande Área 8: Linguística, Letras e Artes			
<b>PESQUISADOR</b>			
5. Nome: KAYO HENRIKY LIMA DA SILVA			
6. CPF: 704.177.194-69	7. Endereço (Rua, n.º): LEONEL DA SILVA COUTINHO MANGABEIRA apartamento 201, JOÃO PESSOA PARAIBA 58057050		
8. Nacionalidade: BRASILEIRO	9. Telefone: 83391446594	10. Outro Telefone:	11. E-mail: kayoriky@hotmail.com
Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumpro os requisitos da Resolução CNS 456/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados segundo as normas em vigor. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que esta folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.			
Data: ____ / ____ / ____		Assinatura	
<b>INSTITUIÇÃO PROPONENTE</b>			
12. Nome: Universidade Federal da Paraíba	13. CNPJ:	14. Unidade/Orgão: Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes	
15. Telefone: (83) 3216-7230	16. Outro Telefone:		
Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumpro os requisitos da Resolução CNS 456/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.			
Responsável: <u>RODRIGO FREIRE DE CARVALHO E SILVA</u> CPF: <u>021.444.854-10</u>			
Cargo/Função: <u>DIRETOR DO CCHLA</u>			
Data: <u>03</u> / <u>09</u> / <u>2024</u>		Assinatura	
<b>PATROCINADOR PRINCIPAL</b>			
Não se aplica.			

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE  
BASEADO NAS DIRETRIZES CONTIDAS NA RESOLUÇÃO CNS Nº510/2016, MS.**

Este termo de consentimento contém esclarecimentos sobre a pesquisa a ser desenvolvida, atendendo às exigências propostas pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). Sendo responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos, o CEP visa salvaguardar a dignidade, os direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes da pesquisa.

Esta pesquisa tem por título ENTRE A VIDA DE EURÍDICE GUSMÃO E O LEITOR: EXPERIÊNCIA ESTÉTICA EM MEIO AO INVISÍVEL, e está sendo desenvolvida por mim, Kayo Henryky Lima da Silva, Professor de Gramática/Literatura e aluno do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da Professora Doutora Luciane Alves Santos.

A referida pesquisa será realizada na turma do 9º ano (manhã) do Ensino Fundamental. O objetivo geral do estudo é investigar como a invisibilidade da figura feminina no romance *A Vida Invisível de Eurídice Gusmão* (2016), da autora Martha Batalha, é percebida pelos alunos por meio de uma Sequência Didática de atividades. Os objetivos específicos são: a) Realizar a leitura do romance *A Vida Invisível de Eurídice Gusmão* (2016) na sala de aula; b) Realizar o Circuito de Letras; c) Assistir ao filme "A Vida Invisível" (2019); d) Elaborar um Questionário acerca do livro lido para que os alunos respondam conforme a sua recepção. Como benefícios que a pesquisa produzirá nos discentes, pontua-se que a Sequência Didática permite desenvolver tanto a competência leitora quanto à autoconsciência e domínio do processo de leitura e, nesse sentido, os discentes serão capazes de realizar outras leituras com textos mais complexos.

Esclareço que a participação do aluno(a) no estudo é voluntária e, portanto, ele não precisa sentir obrigação(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas por mim, o professor-pesquisador. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir dele, não sofrerá dano algum, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição. Nesse sentido, eu tenho permissão da escola, onde o projeto será desenvolvido, para realizar a referida pesquisa e também para apresentar os resultados deste estudo em dissertação, eventos da área de Literatura e Educação e em revista científica nacional e/ou internacional. Por ocasião da publicação dos resultados, o nome do(a) aluno(a) será mantido em sigilo absoluto. Informo que a metodologia empregada pode oferecer riscos mínimos e imprevisíveis, como por exemplo, os sujeitos, mesmo tendo sido informados sobre a liberdade de não aceitarem participar da pesquisa, eles, por algum motivo, inconsciente ou não, podem se sentir compelidos a aceitarem.

João Pessoa, 2 de outubro de 2024

Assinatura do Pai/Mãe/Responsável

Dados do Professor-Pesquisador Responsável: Kayo Henryky Lima da Silva. Telefone (83) 99199-1835; E-mail: kayoriky@hotmail.com. Aluno da Pós-Graduação em Letras/CCHLA/UFPB.  
Dados do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP): Centro de Ciências da Saúde – 1º andar, Campus 1 - Cidade Universitária - João Pessoa - PB. CEP: 58051-900. E-mail: comitedeetica@ccsa.ufpb.br; Fone: (83) 3216-7791.

**TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)**

Para crianças e adolescentes (maiores que seis anos e menores de 18 anos) e para legalmente inca paz.

Eu, Kayo Henryk Lima da Silva, convido você a participar do estudo ENTRE A VIDA DE EURÍDICE GUSMÃO E O LEITOR: EXPERIÊNCIA ESTÉTICA EM MEIO AO INVISÍVEL. Informo que seu pai/mãe ou responsável legal permitiu a sua participação. Pretendemos executar as seguintes atividades: a) Realizar a leitura do romance *A Vida Invisível de Eurídice Gusmão* (2016) na sala de aula; b) Realizar o Circuito de Leitura; c) Assistir ao filme "A Vida Invisível" (2019); d) Elaborar um Questionário acerca do livro lido para que você responda conforme à sua percepção. Gostaríamos muito de contar com você, mas você não é obrigado a participar e não tem problema se desistir. A pesquisa será feita na Escola Conquistinha, onde os participantes realizarão as atividades propostas pelo Professor-Pesquisador Responsável. Para isso, será usado o livro e equipamentos eletrônicos para mediar a leitura. Eles são considerados seguros, mas é possível ocorrer que você, mesmo tendo sido informado(a) sobre a liberdade de não aceitar participar da pesquisa, você, por algum motivo, inconscientemente ou não, pode se sentir compelido(a) a aceitar. Caso aconteça algo errado, você, seus pais ou responsáveis poder(ão) me procurar pelos contatos que estão no final do texto. A sua participação é importante para desenvolver tanto a competência leitora quanto à autoconsciência e domínio do processo de leitura e, nesse sentido, ser capaz de realizar outras leituras com textos mais complexos. As suas informações ficarão sob sigilo, ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa serão publicados em uma dissertação, mas sem identificar (dados pessoais, vídeos, imagens e áudios de gravações) dos participantes (crianças/adolescentes).

**CONSENTIMENTO PÓS-INFORMADO**

Eu, \_\_\_\_\_, aceito participar da pesquisa ENTRE A VIDA DE EURÍDICE GUSMÃO E O LEITOR: EXPERIÊNCIA ESTÉTICA EM MEIO AO INVISÍVEL. Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer. Entendi que posso dizer "sim" e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer "não" e desistir e que ninguém vai ficar com raiva/batalado comigo. Os pesquisadores esclareceram minhas dúvidas e conversaram com os meus pais/responsável legal. Recebi uma cópia deste termo de assentimento, li e quero/concordo em participar da pesquisa/estudo.

João Pessoa, 2 de outubro de 2024.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do menor

*Kayo Henryk Lima da Silva*  
Assinatura do pesquisador responsável

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:	
<b>Pesquisador Responsável: Kayo Henryk Lima da Silva</b>	Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba
Escola Conquistinha, Mangabeira, CEP 58057-010 - João Pessoa/PB	CEPCCS/UFPB Campus I - Cidade Universitária 1º Andar - CEP 58051-900 - João Pessoa/PB
☎ (81) 99199-1835 E-mail: kayorikyl@hotmail.com	☎ (81) 3216-7791 - E-mail: <a href="mailto:comiteetic@ccs.ufpb.br">comiteetic@ccs.ufpb.br</a>

Obs.: O participante da pesquisa ou seu representante e o pesquisador responsável deverão rubricar todas as folhas do TALE após suas assinaturas na última página do referido Termo.